



2016

2017

2018

2019

2020

2021

2022



AGRADECIMENTOS

Chegamos ao segundo número da Re-vista de Humanidades.

Anuncia-se o ano novo! Aproveitemos esta pausa na percepção da dinâmica do tempo para elegermos e colocarmos em prática as ideias que promovam o bem comum e resgate nossa própria humanidade.

Esta revista é concebida com o intuito de colocar esse desejo em movimento e, como propõe o seu nome, convocar nosso olhar em direção a humanidade para que possamos ver e decidir — mudando ou insistindo — a posição que ocupamos e ocuparemos nela.

É um lugar para o respeito, não aquele conservador, ao contrário: para o respeito à diversidade, aquele que se forja no reconhecimento da insondável dimensão do outro e barra todo tipo de fascismo. É uma miscelânia de arte, literatura e ciência, que se atualizará trimestralmente para além dos muros das universidades. Oxalá!!!

Publique seu texto conosco.



AGRADECIMENTOS MAIS QUE ESPECIAIS

Agradeço especialmente:

aos autores deste segundo número pela aposta no projeto;
a João Peçanha pelas muitas aulas sobre muitas coisas: Língua Portuguesa, edição de texto, tecnologia etc;
a Luiza Gravina pela dedicação na construção do site, do Instagram etc;
a Adriana Florêncio e Fabiana Dacache por serem as primeiras a apostar na Escola de Humanidades de Niterói;
a Thiago Diniz pela generosidade em compartilhar seu conhecimento tecnológico;
a Eucílio Silva — Cici —, companheiro querido, pelo apoio de sempre;
a Gustavo Duarte pela logo da revista.



[Conheça o trabalho dele clicando aqui](#)

FICHA CATALOGRÁFICA

Re-vista de Humanidades
Escola de Humanidades de Niterói.
n.1, set./nov. 2021
Niterói - Editora Rehum, 2021
n.2, dez.2021./fev. 2022
Trimestral
e-ISSN -

1.Humanidades.I.Título

Antonio C. B. Campos
Editora Rehum



SUMÁRIO COM LINK

OUTROS DIAS | Vivian Pelodan | p. 04

REPÚBLICA E DEMOCRACIA | João Mauro Amaral Dos Santos | pp. 05 - 06

CREPÚSCULO | Kristina Kohl | p. 07

DOMESTICAÇÃO DO SINTOMA & DESEJO PARA SEMPRE ESQUECIDO | Nadiá Paulo Ferreira | pp. 08 - 16

BORDADOS | Amarilis Martins Galda | p. 17

IRIS | João Peçanha | pp. 18 - 19

O MASCARADO | Antonio C. B. Campos | pp. 20 - 21

A PSICOLOGIA DOS NEURÓTICOS | Antonio C. B. Campos | pp. 22 - 29

COLETÂNEA DE POESIAS E ILUSTRAÇÕES | Angela Duarte e Danilo Bento | pp. 30 - 32

IMPRESSÕES | Lêda Maria Ferreira | p. 33

DE ONDE VEM ESTA COBRANÇA? | Carmen Lucia Pessanha | p. 34

JUANA LA LOCA: UNA CATÁSTROFE DE AMOR | Maria Ester Jozami | pp. 35 - 41

ENTREVISTA COM EUZÉBIO RIBEIRO - ARTISTA PLÁSTICO | ReHum e Euzébio Ribeiro | p. 42 - 44

UNIVERSALIZAÇÃO DO GOZO E LAÇOS PRECÁRIOS | Mariangela Bazbuz | pp. 45 - 48

[P]ÉS | Patricia Torres | p. 49

QUANDO TEM QUE ACONTECER | Karla Pontes | pp. 50 -52

VERDUGOS PACIFICADORES | Renato Zanata Arnos | p. 53

ESTAR CONFORTÁVEL | Luiz Claudio B. De Magalhães | pp. 54 - 55

A SAGA DO MANDACARU | Katia Teixeira | pp. 56 - 57

RESILIÊNCIA E PERSPECTIVAS DE ADAPTAÇÃO | Luiza Gravina | pp. 58 - 61

POR UMA JANELA PARA O MAR | Edna Bueno | pp. 62 - 63

INUMERÁVEIS PRIVILÉGIOS | Cassia Pinheiro | p. 64

BOM SERIA | Carla de Almeida | p. 65



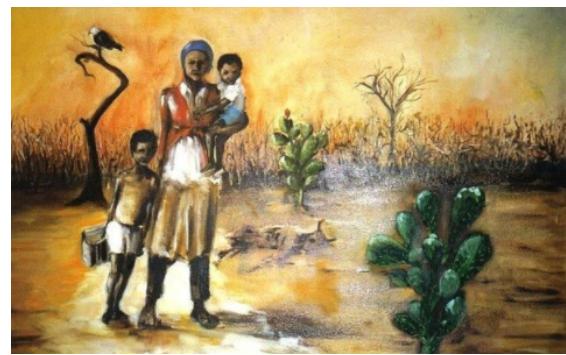
Outros dias

A pólvora, o abismo, mais cedo
 Mais tarde a esquina empoçada de sangue e
 Lágrimas
 O combinado na tarde quente amanheceu sem bom
 dia
 Café com chumbo na contramão do corre-corre
 Pistolas, fuzis, sub, granadas,
 Antitanque, porrada
 Quem vendeu a artilharia?
 É da pesada

O trono da ninharia, a casa de vidro
 Vidraça trincada com a ordem da tirania
 O refrão é o silêncio
 Jorra sangue no esguicho do pomar
 O pó - de café - o pó – misturado -
 A laranja espremida, o pouco sol, a pouca luz
 Bando, capangas, chefia, manada
 E o patrão?
 Propina que cai no chão é de quem cumprir
 Copiou?

Sentença antecipada
 Comunidade estraçalhada
 Sangue em todas as guias
 25 cartas marcadas com a mesma caligrafia.
 No tocante aos outros mais, o viés
 No coser dos malfeiteiros o império e suas
 autarquias
 "O negócio engorda aos olhos do patrão!"
 É a fala da burguesia.

Está na mesa, na fumaça acinzentada, nas redes
 da hipocrisia
 No ar, no mar, na guerra
 Descrito no mapa da trilha
 Na rampa de alvenaria
 No golpe de tantos dias
 O sangue escorrido na terra seca
 O código de todas as armas.
 O povo não quedará!



<https://www.artmajeur.com/en/telmawebert/works/6515989/sertao>

A chuva – revolução das águas – acordará cada
 grão resistente
 Na terra ensanguentada, seca de árvores tombadas
 O primeiro sol será avistado no horizonte, estrela
 maior
 Florescerão as vontades semeadas na estação da
 aflição
 O som dos tambores, as lutas do coração
 O chão de toda gente
 A união.

(07 de maio de 2021)

Vivian Pelodan
 Cantora, Compositora e Ser Político





República e Democracia

Res publica é uma expressão latina que significa literalmente "coisa do povo", "coisa pública": é a expressão que dá origem à palavra república.

O termo normalmente refere-se a uma coisa que não é considerada propriedade privada, mas que é, em vez disso, mantida em conjunto por muitas pessoas. É isso o que aprendemos na escola, não? É um conceito primário, basal, etimológico. Mas por si só traz uma profunda verdade a respeito do que deve – ou deveria – ser a República, enquanto forma de governo na atualidade.

Aquilo que os teóricos de esquerda chamam de "democracia burguesa" nasce com o advento da Revolução Francesa, que, em suma, inaugurou o processo de queda do absolutismo. O mesmo movimento colocava o poder político na mão da aristocracia, embora o poder econômico já viesse sendo cada vez mais colocado nas mãos da burguesia, em um longo processo que começa com o declínio do feudalismo e se conclui com a Revolução Industrial.

A Revolução Francesa e todos os seus efeitos decorrentes colocaram a burguesia como classe revolucionária naquele processo. Revolucionária no sentido de que as suas ações transformaram profundamente as sociedades: (1) o poder deixava de ser algo hereditário, nato, pois, embora nos dias de hoje haja monarquias, em sua maioria o monarca não governa mais; (2) o direito deixava de ser consuetudinário¹ e passava a ser civil, ou seja,

as leis deixavam de ser derivadas dos costumes e de acordo com a origem das pessoas e passavam a ser iguais para todos e (3) quem promulgava essas leis eram as assembleias, compostas por representantes eleitos pelo povo. Enfim, os governantes passaram a ser eleitos e não coroados.



A liberdade guiando o povo - Eugène Delacroix (1789-1863)

Perfeito, não? Mas alguma coisa não deu certo. O poder econômico da burguesia dependia da exploração da força de trabalho de uma nova classe social, nascida da revolução industrial: o proletariado. Então, a burguesia, que foi subordinada aos aristocratas no passado, agora subordinava os proletários.

Karl Marx postula que: "O Governo do Estado moderno é apenas um comitê para gerir os negócios comuns de toda a burguesia". Para o marxismo, é propositalmente ilusória a ideia de que haja liberdade, igualdade e fraternidade em uma sociedade cuja propriedade dos meios de produção

¹ Direito não escrito, fundamentado no uso, no costume ou na prática.



— fábricas, terras, instrumentos, maquinário, bancos etc. — seja privada, e a produção seja, portanto, baseada na exploração do trabalho. Isso contrasta ironicamente com o lema da Revolução Francesa — *Liberté, Egalité, Fraternité*² — e, consequentemente, com o sentido mais profundo de República: coisa do povo ou coisa pública.

“Ah, mas nós elegemos quem nos governa e existe toda uma máquina pública que é nossa e está ao nosso serviço”, poderia alguém dizer. Será? A saúde de qualidade existe para todos? A educação, a moradia, a terra... Todos se alimentam bem?

O que vemos hoje no Brasil, a partir da Reforma da Previdência, é a retirada de direitos duramente conquistados pelos trabalhadores. Isso obrigará todos a trabalharem até depois do limite da expectativa média real de vida para cobrir um rombo intencionalmente provocado com a colocação de recursos, que deveriam tornar o sistema previdenciário autossuficiente, a serviço de outras rubricas, como a dívida pública, cujo lançamento de títulos no mercado remunera o capital privado com nosso dinheiro.

O que vemos hoje no Brasil é a Reforma Trabalhista, utilizando-se do pretexto de gerar mais empregos e prometendo não retirar direitos — apenas “flexibilizar” a legislação vigente. Na verdade, o que ocorre é que se está a legalizar a “livre negociação” entre patrões e empregados. Alguém em sã consciência duvidará de que, para garantir seus empregos, os trabalhadores aceitarão perder seus direitos antes garantidos pela CLT³?

O que vemos hoje no Brasil só corrobora a ideia de que a democracia burguesa não é a verdadeira democracia.

Somente a tomada de consciência pelos trabalhadores e sua entrada em marcha por mudanças verdadeiras na sociedade é que irá construir uma democracia concreta. Somente um governo dos trabalhadores e para os trabalhadores poderá restituir o sentido clássico de *Res Publica*.

Avante!

Texto escrito em agosto de 2017

João Mauro Amaral dos Santos (+2018)
Professor de História

² Liberdade, Igualdade e Fraternidade

³ Consolidação das Leis Trabalhistas



Crepúsculo

Entre a tarde e a noite, existe um breve espaço de tempo, que dura alguns minutos, talvez não mais que dois. Enxergamos muito pouco nesse momento, nossos olhos acostumados à luz do sol, precisam deste tempo para se habituar à falta dela. Então vem a noite com suas luzes artificiais de sódio, Led, e vem a opacidade, as penumbras e incertezas, os medo e as várias opções de disfarces que a noite nos traz

Neste curto espaço de tempo, onde não é noite ainda, mas não é mais dia, eu te vejo chegar, me visitar e ir embora. Abrandando minha saudade, avivando meu amor por você e me deixando só, novamente.

Meus olhos te sentem, imagino te ver dançando suave ao meu redor, meus dedos te leem, compreendem seu texto.

Você é meu amor. Meu amor de dois minutos de crepúsculo, de dois minutos sem palavras, abundante de sensações cálidas que irão me sustentar pela noite adentro, me livrando das muitas opções de medos e incertezas que esta senhora traz.

É, meu amor é você.

E eu te digo "até amanhã". para mais dois minutos de dança, contato, conexão. Já te espero com saudade e esperança, de que numa dessas visitas crepusculares, você fique pra mais que nossos 120 segundos, para até quando der, horas, dias. Quem sabe...

Kristina Kohl

Professora e Poetisa



<https://lushpin.com/cable-car-heaven/>



Domesticação do Sintoma & Desejo para sempre esquecido

HÁ MUITOS E MUITOS SÉCULOS apareceu o ser falante...

ASSIM nasceu as Línguas, a Linguagem, e o Inconsciente...

EM TEMPO esses estranhos seres que falam proibiram o incesto...

ASSIM Claude Lévi-Strauss (1908-2009) descobriu nesse ato o aparecimento da cultura.

MUITOS SÉCULOS se passaram... até nascer Sigmund Freud (1856-1939), que descobriu o Inconsciente, revelando ao mundo, que o homem é regido por leis que escapam a razão...

ENFIM nasceu um dos maiores discípulos de Freud: Jacques Lacan (1901-1981). Ele se interessou pela nova ciência, criada por Ferdinand de Saussure (1857-1913) — a Linguística — e por um dos seus discípulos, Roman Jakobson (1896-1982)... Daí nasceu o seu famoso axioma: "O inconsciente é estruturado como uma linguagem".

Quando um ser falante nasce, temos um corpo vivo, inacabado, em estado de puro gozo, cercado de palavras (significantes) por todos os lados. Este recém-chegado ao mundo, ao contrário dos animais, não porta em seu imaginário um saber sobre sua espécie. Esta ausência de saber é chamada por Lacan de furo real no imaginário humano. Dos representantes do Mundo — Outro como lugar dos significantes — depende a sobrevivência do recém-nascido, marcado pela impossibilidade de ter acesso à experiência de completude.

DO NASCIMENTO À CHEGADA DO ESPÍRITO SANTO, nasceu o milagre: a transformação de um corpo vivo em um corpo marcado pelo significante Nome-do-Pai (Lei), transmitido pelo Desejo-da- Mãe, inaugurando o desejo como "a marca do ferro do significante no ombro do sujeito que fala."¹ Lacan se refere a este acontecimento como o momento de corte, em "que

é assombrado pela forma de um farrapo ensanguentado: a libra de carne paga pela vida para fazer dele o significante dos significantes, como tal impossível de ser restituído ao corpo imaginário: é o falo perdido de Osíris embalsamado."²

MAIS UMA VEZ, Depois de muitos e muitos séculos...

APARECEU a religião do Amor, do Três em UM que, segundo Lacan, veio para ficar: a incomensurabilidade do amor divino oferece a contrição para a salvação ou para a perdição, o que não é pouca coisa, pois a Promessa de Eternidade inclui o Paraíso.

AMAR ou GOZAR: eis a questão.

Amar o próximo como a si mesmo é uma escolha que retira de cena o desejo e a diferença sexual. O caminho para o gozo-mais, prometido por Deus, poderia ser sintetizado nos ensinamentos: "Crescei e multiplicai-vos", "Imitai os lírios do campo, eles não tecem e não fiam". As pulsões, reduzidas à famosa "maturidade genital", são colocadas a serviço da reprodução da espécie. Assim a pulsão é retirada de cena e, no seu lugar, é colocado o amor divino. Quem tece e produz relações é o significante. É o simbólico que humaniza o homem, introduzindo-o no universo da palavra (significante). Deus, em Nome-do-Amor, exige do homem a renúncia de sua própria humanidade. Este é o cerne da tragédia moderna introduzido pelo cristianismo. O sentimento de culpa religioso se constitui na violação do desejo do Outro, desejo de Deus, o que faz necessário a criação de personagens, representados pela serpente, que levou Eva à tentação, inaugurando o pecado original, e pelo anjo decaído, que se revoltou contra o poder divino e, a partir daí, insiste em persuadir os homens a trair os dogmas estabelecidos em Nome-de-Deus.. A culpa, aqui,

¹ LACAN, 1998, *Escritos*, p. 636.

² Id,ibid.p. 636.



tem um agente — Demo/Outro — o que faz com que o sujeito seja desculpabilizado.

O homem já traz dentro de si mesmo a tendência para não resistir às tentações. O ritual de purificação do batismo é necessário para expurgar o pecado original. A abluição litúrgica (purificação por meio da água) não o livra de cair em tentação. Há o Outro, O Demo, mas há, também, a outra face do amor divino, que é o perdão. Entretanto, o homem para merecê-lo deve se entregar à expiação. Admitir a culpa, sua máxima culpa, que se torna sinônimo de sacrifício do desejo, o qual, ainda, implica a prática da caridade.

Não bastasse a religião, a mensagem científica de nossa época também elimina a culpa, anulando a implicação do sujeito com seu sintoma. Assim, o mal-estar subjetivo é reduzido a uma herança genética descoberta ou a vir a ser descoberta pela genética molecular, o que acena com a promessa de cura ou de alívio pelas intervenções cirúrgicas ou pelos produtos farmacológicos.

Assim os discursos, que predominam na contemporaneidade, têm como ponto de convergência privilegiar o gozo, eliminar o desejo e ignorar a dimensão subjetiva do sintoma. Entre a religião e a ciência caminhamos.

O apelo ao consumo dos objetos e ao sacrifício do desejo se vincula à promessa de um gozo-a-mais, quer seja pela via fálica, quer seja pela via não-fálica (Salvação eterna do ser). A singularidade de cada sujeito é anulada e submetida às modalidades das leis do mercado ou aos preceitos religiosos.

Não há recalque sem retorno do recalcado. O desejo que morre, renasce, provocando mal-estar. Não há foracção sem reaparecimento do foracuído no real. No corpo aparecem letras que rasgam a carne e o fazem sangrar. Se o desejo é substituído pelo amor ao próximo, sabemos que isso vai desembocar no ódio à diferença, ou seja, em toda espécie de intolerância e militância.

De um lado a ciência e a religião, discursos que insistem em retirar a marca da condição humana, encarcerando o desejo. De outro lado, a psicanálise: uma prática, que se sustenta na ética do desejo, e uma teoria sobre o homem e sua existência no mundo, baseada num conceito de estrutura, que inclui o imaginário (campo do sentido), o simbólico (significante) e o real como impossível. Como seres falantes, estamos sempre ao meio, longe do Tudo, cercando o que não há. É justamente isto, que nos ensina o poeta Fernando Pessoa:

Há dois males: verdade e aspiração,
E há uma forma só de os saber males:
É conhecê-los bem, saber que são

Um o horror real, o outro o vazio –
Horror não menos – dois como que vales
Duma montanha que ninguém subiu.³

Se o milagre fracassa, produzindo novos sintomas, que resistem aos remédios e às cirurgias, uma nova causa é encontrada: a desordem do mundo. A eliminação da dimensão ética nas escolhas subjetivas possibilita o advento da posição de vítima. Desse lugar, o sujeito não faz outra coisa senão se queixar do Outro em suas mil faces...

Pecadores ou belas almas não precisam desejar porque encontraram na Fé ou no Saber seus álibis quase-perfeitos. Pobres infelizes, inocentes e culpados encontram nas lamentações o alimento de seus sintomas e a fonte de suas satisfações...

Tudo inventado por Deus, Aquele que sabe o que faz e o que diz, ou pela mensagem científica que oferece as descobertas de novas técnicas para burlar o que não se quer saber, isto é, para permanecer na ignorância da Castração, retirando de cena o real.

É bem verdade que os álibis sempre foram inventados pelo homem e nunca foram suficientes

³ PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1977, p. 104.



para eliminar o mal-estar. Talvez essa premissa não justifique a afirmação de que, nos tempos em que vivemos, o lugar da psicanálise é de exclusão, porque o que está em jogo é a aceitação da culpa pela via sacrificial ou a eliminação da culpa pela não implicação subjetiva com o que do pulsional causa horror e, justamente por isso, é rechaçado. Renúncia ou Inocência desencadeiam a produção de sintomas.

O sujeito, a se ver como culpado, não rechaça sua implicação com o sofrimento, o que pode levá-lo a procurar uma análise. Mas se o sujeito repele a sua participação no sofrimento, a queixa irá se transformar em fonte inesgotável de gozo. O gozo rechaçado, cada vez mais inadministrável, fará com que o sujeito vá procurar um remédio para aliviar o que lhe causa horror.

Assim, domestica-se o sintoma para que a sua verdade fique para sempre esquecida... O sonho do capitalismo é a produção de uma massa amorfa de consumidores, que recebem embalados, em pacotes estandardizados, os objetos para seu gozo e os remédios para aliviar seu mal-estar.

Sem culpa, o desejo é substituído pela paixão do Saber ou da Fé, a fim de que seja moldado um gozo às necessidades forjadas e alimentadas pela lógica do capitalismo.

A esperança no progresso, que sustentou a prática política dos homens das letras, no século XIX, se desloca para as invenções tecnológicas. Entre hoje e ontem, um intervalo surpreendente não só pelos eventos que aconteceram, mas também pela ausência de aprendizagem. Não seria isso que Freud quiz dizer, quando afirma em *O mal estar na civilização* (1930 [1929] de que não há progresso?

Estoura a primeira guerra mundial, expande-se o desencanto e com ele o repúdio ao progresso. Em 14 de julho de 1916, O Manifesto do Senhor Antipirina é lido, na primeira manifestação dadaísta, em Zurique.

DADÁ permanece no quadro europeu das fraquezas, no fundo é tudo merda, mas nós

queremos doravante cagar em cores diferentes para ornar o jardim zoológico da arte de todas as bandeiras dos consulados.⁴

As atrocidades da guerra de 1914 são esquecidas com a comemoração da queda do regime de Kerenski, com a vitória dos bolchevistas e com a ascensão de Lenin ao poder (1817). A violência do regime socialista é esquecida em nome do ideal iluminista do Bem-comum. Acontece a depressão dos anos 30, a segunda guerra mundial e com ela o genocídio dos judeus. Não se pode negar a contribuição de alguns artistas e cientistas para a limpeza étnica dos nazistas. Basta ver o filme *Arquitetura da destruição*, 1989, de Peter Cohen.

O mundo é reconstruído. Vem à era das conquistas sociais, e o capitalismo revive os seus anos dourados à sombra das violências raciais e religiosas. Cai o império soviético, o muro de Berlim. Ingressamos na era do desemprego, da perda das conquistas sociais, das guerras religiosas e étnicas e do recrudescer do racismo.

Depois dos fracassos das utopias, as desesperanças aleitam o estupor de um sono mortífero, lançando o homem contemporâneo na mais profunda solidão. Assim, descortina-se para ele um “admirável mundo novo”: as máquinas oferecem um mosaico de informações. E para se ter acesso a elas, basta, sem sair de casa, apertar um botão. As relações de trabalho são o cenário das lutas fratricidas porque se exige que todos se tornem um *self-made man*. A indústria farmacêutica enriquece nos rastros da ciência oferecendo remédios que substituem o dizer pela ação de engolir pílulas ou tomar injeções. A indústria erótica, aproveitando-se do pânico da AIDS, cresce e se torna um dos comércios mais lucrativos. A insegurança e o desemprego se fortificam diante das mudanças de diretrizes governamentais em

⁴ Manifesto do Senhor Antipirina. In: TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 129.



relação às conquistas sociais do pós-guerra. Justamente por isto, Lacan, numa entrevista a um programa da televisão francesa, ao se referir ao futuro, anuncia a escalada do racismo e da religião.

É nesse contexto que novos significantes entram em circulação nos discursos dominantes. Para o século XIX, a palavra povo colocava em um jogo a série significante: o nacional, a criação espontânea, a história, o social, o camponês, o proletário, os ricos, os burgueses... Em torno desta constelação significante se estruturavam os discursos que sustentavam as utopias de Liberdade e Felicidade como bens público e privado.

Com a época industrial (modernidade), entra em cena a palavra multidão, que será, posteriormente, substituída pelo termo massa, cuja significação gira em torno da noção de quantidade e volume. Jean Baudrillard interpreta o sentido que este significante adquire no próprio título que escolhe para o seu livro: *À sombra das maiorias silenciosas*. Para este autor, massa com valor de sinal tem como função a dissipação dos significantes, simbolizando o que restou quando se esqueceu tudo do social. A própria palavra público, muito empregada pelos discursos do século XIX, já teve o seu sentido deslocado por este significante e, hoje, é empregada como sinônimo de massa, o que implica que todos nós fomos transformados em números para as estatísticas de mercado, ficando reduzidos a grupos de classe A, B ou C.

Os discursos, transmitidos pelos meios de comunicação de massa, constroem relações significantes que produzem signos estereotipados, visando à captura de um sujeito adormecido que recebe placidamente os objetos que lhe são oferecidos para usufruto de seu gozo. Para homogeneizar o gozo, condicionando-o aos objetos do mercado, é preciso comandar as escolhas e criar as necessidades. Um personagem do filme de Wim Wenders, *O Céu de Lisboa*, encontra com Winter, a quem tinha mandado uma carta, pedindo que viesse o mais rápido possível para fazer a

sonoplastia de seu filme sobre a cidade de Lisboa. Depois de muitas peripécias, causadas por desencontros, Winter descobre que seu companheiro de trabalho desistiu de fazer o filme. Inconformado, interpela a desistência e recebe a seguinte resposta:

As imagens não são mais o que eram. Não se pode mais confiar nelas. Todos sabemos disso. Você sabe, antes as imagens contavam histórias e mostravam coisas. Agora elas vendem histórias. Elas mudaram diante de nossos olhos. Nem sequer sabem mais como mostrar as coisas. Simplesmente esqueceram. As imagens estão vendendo o mundo, Winter. E com um desconto enorme. (...) Não há esperança.

Não basta produzir mercadorias, é preciso criar demandas. Da sigla do objeto se extraem as imagens em torno das quais se constrói o discurso da publicidade. A função da marca é introduzir o objeto numa rede de associações significantes, fazendo com que este se individualize e adquira significações que o tornem desejável. Só assim o objeto se torna sustentáculo da Promessa de gozo-a-mais. Trata-se de uma estratégia que se constrói a partir do que é próprio da estrutura de um ser submetido às leis da linguagem. Se uma das faces da Castração é não haver a relação sexual, logo o que se vende é o que não há para ser comprado. Mas se não há, é por isto mesmo que os objetos são apresentados como fetiche para tomar o lugar de um parceiro humano e gerar relações de dependência, que venham substituir os laços entre os homens. E o que está em jogo no fetiche? Não é o falo? O discurso da publicidade oferece a via pela qual o homem pode ter acesso à falta do objeto. O objeto se apresenta mais além de sua própria imagem, sendo sustentado por uma marca que se constrói em torno de significantes que nada têm a ver com o próprio objeto. Justamente por isto, não se trata de qualquer objeto para satisfazer uma necessidade, mas exatamente aquele, daquela marca x, porque o que está jogo não é o objeto,



mas as imagens que a ele foram associadas. Parafraseando Lacan, o discurso publicitário se estrutura em torno de um mais além nunca visto. As imagens que circundam o objeto têm como função transformá-lo em signo de gozo, a fim de que, como objeto-fetiche, possa ser apresentado não só como símbolo da ausência do falo, mas também como símbolo do que viria preencher esta ausência. São essas imagens forjadas que cativam, fascinam e capturam um olhar. É na repetição incessante dessa sintaxe que se produz o feedback da própria publicidade. Hoje, qualquer lixo se torna vendável, porque só traz dividendo o que é reduzido a uma imagem. A fetichização não se restringe aos objetos, mas também se dirige ao sujeito, reduzindo-o a imagem objetal, o que fez com que pensadores de diversos campos do saber (história, sociologia, filosofia e teoria da comunicação) fizessem o prognóstico do fim da história, do político e do social. Nas elucubrações das mortes anunciadas, a psicanálise estaria incluída? Sobre isto, diz Lacan:

(...) Llamo síntoma a lo que viene de lo real.⁵

El sentido del síntoma depende del porvenir de lo real, o sea, como lo dije en la conferencia de prensa, del éxito del psicoanálisis. Lo que se le pide es que nos libere de lo real y del síntoma. Si triunfa, si tiene éxito en esta demanda — digo esto así, veo que hay personas que no estaban en esa conferencia de prensa, y lo repito para ellas — podemos esperar todo, o sea, un retorno de la verdadera religión, por ejemplo, que como ustedes saben, no parece que vaya a declinar. La verdadera religión no es loca, todas las esperanzas le sirven, si puedo decirlo: ella las santifica.⁶

Nós, psicanalistas, sabemos que a imagem não é o objeto, mas um significante, e, como tal, representa alguma coisa para o sujeito.

⁵LACAN, Jacques. La tercera. In: *Actas de la Escuela Freudiana de París*. Barcelona: Ediciones Petrel, 1980, p. 167.

⁶LACAN, Jacques, op. cit., p. 168.

Mas, hoje, sujeito e objeto são reduzidos a imagens pelos discursos da publicidade, da política e da ciência. Estamos vivendo a ditadura das práticas médicas e o imperialismo das técnicas. O corpo, apartado do sujeito, é abordado como uma máquina de funcionamento automático que enguiça e precisa ser consertada. No campo do saber científico brilham, como astros de primeira grandeza, as pesquisas genéticas, embora as novas práticas, advindas de suas descobertas, só sejam acessíveis como notícias, permanecendo distantes, dependendo dos países e das práticas, de uma faixa da população que não tem poder aquisitivo para a elas ter acesso. No caso dos países do Terceiro Mundo e, em especial, o Brasil, essas técnicas estão restritas a uma minoria e a maioria foi jogada ao total abandono governamental.

O êxito da estratégia fetichista visa não só o exílio do homem, mas também o estancamento do seu dizer. Parafraseando Fernando Pessoa: Dizer não é preciso. Desejar não é preciso. Gozar é preciso. E novos objetos não param de ser produzidos. Dois pesquisadores do Centro Regional de Pesquisas do Departamento de Agricultura, em Nova Orleans, descobriram Tyrone Vigo, apelidado de “tecido inteligente”: não encolhe, esquenta no frio e esfria no calor. A sua entrada no mercado é anunciada para a fabricação de uniformes esportivos, de trabalho e para sapatos. Um produto que se encaixa perfeitamente na imagem vendida do corpo como objeto saudável. Enfim, aqueles que são considerados “doentes”, os desempregados, os miseráveis, os toxicômanos, são os restos produzidos e como tais são marginalizados. É justamente em função desta estratégia que é preciso convencer os gordos do perigo da obesidade. Isto feito, eles ingressam no rol dos consumidores das clínicas de emagrecimento, dos remédios moderadores de apetite, das cirurgias de redução do estômago.



Quanto às pesquisas genéticas, elas acenam com a Promessa de revelar o insolúvel enigma da Diferença sexual e de colocar por terra toda a teoria freudiana sobre a sexualidade humana. O Jornal do Brasil apresenta uma entrevista com a seguinte chamada: gays já nascem gays. O entrevistado é Chandler Burr, um jornalista americano, especializado na área científica, que acabou de publicar um livro (*The search for the biological origins of sexual orientation*) onde apresenta uma síntese das várias descobertas neste campo:

(...) a orientação sexual humana (...) é determinada geneticamente antes mesmo do nascimento. Trata-se de uma determinação exclusivamente biológica e não há fator social que possa criá-la ou mudá-la. O homossexualismo é imutável. Já foi encontrado um gene no cromossomo X de homens gays que os cientistas dão como praticamente certo de que seja o gene gay, mas ainda não podemos dizer que encontramos o gene (ou os genes) que determina o homossexualismo. (...) Acredito que em 5 ou 10 anos no máximo este gene será localizado.⁷

Mas apesar de admitir que o gene ou os genes ainda não foram descobertos, Chandler Burr afirma categoricamente que a orientação sexual é transmitida através das gerações do mesmo modo que os olhos azuis. É quase óbvio, acredito, que este jornalista fará uma confissão pública de sua opção sexual, o que, aliás, se tornou muito comum, atualmente. Ele diz: "Eu, por exemplo, soube que era gay quando tinha seis anos de idade. Não sabia o que era homossexualismo, mas sabia que era diferente dos outros garotos." É interessante também comentar a repercussão que este livro teve nos Estados Unidos. Os participantes de grupos, que se auto-intitulam gays, apesar de terem recebido uma resposta para a escolha de suas posições sexuais, manifestaram grande preocupação, porque, em tese, num futuro próximo, as mulheres poderão fazer um teste genético e, ao

descobrirem que seu filho ou filha será homossexual, poderão querer fazer um aborto ou uma cirurgia para modificar este fator genético. E, nos rastros da ciência, surgem novos apologistas. Gore Vidal, escritor americano que faz o prefácio do livro *A invenção da Heterossexualidade*, de Jonathan Ned Katz, lançado, entre nós, pela Ediouro, depois de dizer que a teoria de Freud vai finalmente implodir como a antiga lugoslávia, afirma que a heterossexualidade é um conceito fatídico de origem recente, de consequência terrível e fundamental para as noções muito estranhas da sexualidade humana que Freud e seus discípulos nos impuseram durante um século.

As descobertas genéticas e as novas técnicas da prática médica introduzem o debate em torno de questões éticas. Mas este retorno não remete para a tradição filosófica, em que a reflexão tinha como fim orientar as práticas em direção ao Bem. A ética, hoje, se inscreve diretamente na necessidade de criar uma legislação que regulamente as novas práticas, advindas das descobertas que não cessam de se multiplicar. Até os filósofos já admitem essa transformação. Alain Badiou, por exemplo, depois de constatar a inflação socializada da referência à ética, define o seu sentido, hoje:

(...) um princípio de relação com "o que se passa", uma vaga regulação de nossos comentários sobre as situações históricas (ética dos direitos humanos), situações técnico-científicas (ética do ser vivo, bioética, situações sociais (ética do estar-junto), situações ligadas à mídia (ética da comunicação).⁸

A *Folha de São Paulo*, em um de seus editoriais, destaca o fato, bastante divulgado entre nós pela televisão, que se passou no Reino Unido, onde o aborto é legal até a 24^a semana de gestação, de uma mulher que abortou um dos fetos

⁷ *Jornal do Brasil*, 23 de julho de 1996.

⁸ BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p. 16.



por não ter condições de criar dois filhos. Eis alguns trechos da matéria que, por ter adquirido importância, mereceu o destaque de um editorial.

(...) A ausência de um código de ética mais apropriado aos até antes jamais vistos avanços científicos e o agravamento dos problemas sociais mesmo no Primeiro Mundo levam a certas situações de fatos chocantes.

(...) O fato é que os modernos diagnósticos pré-natais, as novas tecnologias de engenharia genética e técnicas de fertilização suscitam muitas questões éticas para as quais a humanidade ainda não encontrou respostas."

(...) Infelizmente, a ciência parece andar muito mais rapidamente do que a necessária reflexão ética exigida por qualquer sociedade enquanto tal.⁹

A discussão em torno da perplexidade das práticas médicas com a genética não é exclusividade dos países do Primeiro Mundo. Aqui, também, há protestos. Só que com uma pequena grande diferença. Na Inglaterra, a gritaria em torno do aborto dos fetos gêmeos é um protesto contra a legislação em vigor. Mas, em nossa terra, onde as leis são esquecidas nos papéis em que foram escritas, o horror adquire outras faces. Fato, aliás, que circula tanto nas ruas quanto nas universidades. Em qualquer botequim da esquina, escuta-se: há leis que pegam e leis que não pegam. Um dos ditados que mais circula ao pé do ouvido, nos corredores da universidade é: "para os amigos tudo, para os inimigos a lei". Bem, neste país, que já foi vendido, antes da miséria se espalhar pelas ruas dos grandes centros urbanos, em cartão postal para a Europa como o Paraíso Tropical, as clínicas, em pleno rigor da impunidade, cometem genocídio de velhos e crianças, violando a legislação do Conselho Federal de Medicina em relação às técnicas de fertilização artificial. Segundo o Dr. Milton Nakamura, aquele que

produziu o primeiro bebê de proveta na América Latina, o que conta é o "desejo do casal". Aliás, esta inseminação foi considerada, nos meios científicos, um grande êxito, porque este bebê, que se chama Ana Paula Caldeira tem QI 140...

O panorama que se abre é sombrio. Mata-se o sujeito, substituindo o desejo como desejo de desejar pela paixão do Saber e da Fé. Assassina-se a singularidade, estabelecendo-se padrões de gozo, sustentados em teorias que reduzem as pulsões a etapas evolutivas, que terminariam na pulsão genital. Difunde-se o anonimato nas práticas universitárias ligadas à pesquisa e à publicação.

Agora, em tempo de COVIDE, as salas de aula, de conferência, de encontro etc foram substituídas pelas telas do Zoom, Skype, Facebook, Instagram e etc. Enfim, recursos técnicos em que a escolha do anonimato predomina, impossibilitando a tessitura dos laços sociais, não só com a platéia, mas também com aqueles que irão se apresentar. Nunca vi em uma sala de aula, em conferência ou congresso, alguns participantes se apresentarem de máscaras, porque não querem mostrar seu rosto, porque são tímidos, envergonhados e etc. Isto foi dito por alguns que participavam de um debate sobre o filme *O dia do gafanhoto*. Enfim o horror se instala... A maioria — não-todos — que fazem uso dos novos meios de comunicação, escolheram o anonimato e a solidão.

Sem mestres, pois os que sobreviveram já estão mortos e deixaram como herança a briga pelo espólio, sem pais, já que a função paterna se apaga, na medida em que se perde a direção do desejo, restando dela, apenas, a figura enfraquecida de um pai impotente, sem esperança e renunciando ao desejo, os homens vão sendo encurralados para a estupidez, e para o anonimato...

Recentemente foi lançado em vídeo o filme Cubo, do diretor Vincenzo Natali. Uma médica, uma matemática, um ladrão que já tinha escapado de

⁹ Folha de São Paulo. Editorial de 9 de agosto de 1996 com o título Ciência e Ética.



prisões, dotadas de sistemas especiais de segurança, um policial e um técnico, que trabalhou no projeto que deu origem à construção do Cubo, são alguns dos personagens que, ao acordarem, se dão conta de que estão enjaulados num labirinto que apresenta armadilhas mortais. Espectadores e personagens nada sabem sobre esse projeto maquiavélico e, paulatinamente, todos percebem que cada um não foi escolhido de forma aleatória, mas em função de uma habilidade ou conhecimento específico que ajudaria a encontrar a saída. Passando de um quadrado a outro, os personagens vão se encontrando. Alguns morrem de forma violenta pelas armadilhas. Um débil mental é encontrado. No desenrolar da trama, a matemática descobre que os números primos, que aparecem em cada quadrado, são coordenadas que indicam a trilha a ser seguida para encontrar a saída. É preciso fazer contas. Necessita-se de uma calculadora. Aí surge a função do débil mental, cuja habilidade é saber fazer de cabeça as contas necessárias, indicando os quadrados que não têm armadilhas.

Resolvida à charada, todos encontrariam a saída. Seria assim, se não fosse a reação de cada um diante do perigo, do medo, da morte, dos desejos não nomeados e dos gozos inconfessos e rechaçados. O recalcado reaparece sob a forma de horror e a grande armadilha, para a qual não há coordenadas matemáticas, está dentro de cada um. Assim, os que restaram matam-se uns aos outros. O filme termina com um único sobrevivente: o alienado, com seu sorriso de parvo.

Alegoria do mundo em que vivemos um corpo vivo e contente, imerso no gozo idiota, caminha em frente, esperando novas ordens para serem cumpridas. Os autores do projeto permanecem no anonimato. Deles só ficamos sabendo do Cubo e de suas vítimas.

Lacan,¹⁰ em um programa de televisão, afirma que a tragédia do homem de nosso tempo se reduz em um gozo que lhe causa horror.

O homem, perdido entre seus objetos de gozo, anseia cada vez mais por esperanças em torno disso que não sabe muito bem o que é, mas que se nomeia de Felicidade. Os discursos da ciência e da religião acolhem essa esperança, na medida em que acenam com a decifração do enigma da sexualidade humana e com a eternidade.

Mas, no reino das esperanças, o inconsciente trabalha, não pára de trabalhar e de produzir um saber. Ele fala. Ele insiste em aparecer nos sonhos, nos atos falhos, em todo dito que escapa à intenção do dizer. Mas é preciso que a fala, que se abre nas lacunas do dizer, seja escutada. Senão as palavras ecoam para o mais absoluto silêncio e retornam para serem gravadas num corpo que se mostra em chagas demandando decifração. Quanto mais se faz escrita na carne mais se estrangula uma boca que se cala, porque um ser falante está dormindo em berço esplêndido.

Tempos difíceis para a psicanálise. Não é em vão que alguns psicanalistas se queixam do declínio da demanda de análise. Tempos que levaram Lacan a se questionar sobre o futuro da psicanálise e dizer: "Lo picante de todo esto, es que en los próximos años el discurso del analista dependerá de lo real, y no al contrario. El advenimiento de lo real no depende del analista en absoluto. El analista tiene porisión hacerle frente."¹¹

(...) el porvenir del psicoanálisis es algo que depende de lo que ocurra con ese real, a saber, de que los "gadgets", por ejemplo, se impongan verdaderamente, que verdaderamente lleguemos a estar animados por los "gadgets". Debo decir que me parece poco probable. No conseguiremos verdaderamente que el

¹⁰ LACAN, Jacques. *Télévision*. Paris: Seuil, 1974.

¹¹ ----- "La tercera". In op. cit., p. 70.



“gadget” no sea un síntoma, pues por el momento lo es muy evidentemente. Es muy cierto que tenemos un auto como una falsa mujer; deseamos absolutamente que sea un falo, pero esto no tiene relación con el falo más que por el hecho de que es el falo o que nos impide tener una relación con algo que sería nuestro garante sexual. Es nuestro garante parasexuado, y todos saben que el “para” consiste en que cada uno se quede de su lado, que cada uno se quede al lado del otro.¹²

A questão que permanece em aberto é a indagação sobre as influências que estão sendo produzidas no social pela desculpabilização do sujeito. A clonagem já foi realizada em ovelhas. Mulheres que querem engravidar já podem se livrarem dos homens e se dirigirem a um banco de sêmen, pedindo doadores saudáveis, inteligentes, louros, de olhos azuis... Uma onda de assepsia étnica espreita as pesquisas genéticas. Qual seria a intervenção do psicanalista? Ficar em silêncio? Aderir às normas dos seguros de saúde, que regulamentam o tempo de tratamento de uma enfermidade, diagnosticada como psíquica ou psicossomática? Cair na armadilha e aceitar a renomeação da fobia por “síndrome do pânico”, acrescentando elucubrações que giram em torno da “nova estrutura da subjetividade de nossa época”? Refugiar-se numa língua incompreensível só decifrada pelos eleitos que foram escolhidos pelos deuses para frequentar o Olimpo? Abrir mão do rigor e da seriedade de uma prática para desandar a dizer besteiras que encontram acolhimento nos meios de comunicação de massa?

BIBLIOGRAFIA

BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguiar, 1977.

FOLHA DE SÃO PAULO. Editorial de 9 de agosto de 1996 com o título Ciência e Ética.

JORNAL DO BRASIL, 23 de julho de 1996.

LACAN, JACQUES, *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. La tercera. In: *Actas de la Escuela Freudiana de París*. Barcelona: Ediciones Petrel, 1980.

_____. *Télévision*. Paris: Seuil, 1974.

MANIFESTO DO SENHOR ANTIPIRINA. In: TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1976.

Nadiá Paulo Ferreira
Psicanalista



¹² _____. Id. ibid., p. 186.



Bordados

Para Luiza Sarnet

2017

Mãe - ponto cheio de candurinhas
 Em correntinhas de amor
 No corpo, um rococó de dores
 No coração, um bordado,
 Em ponto haste,
 Registra seus temores

A agulha em zig-zag
 Dá laçadas no destino
 Descanse em ponto sombra!
 Sua lágrima será sentida
 Em ponto Cruz!

A vitória será alcançada
 Em ponto nó, formando
 Margaridas a serem entregues
 Num bouquet sem dor



Amarilis Martins Gualda
 Professora amante da poesia





Iris

Íris era seu nome.

Vivia na terceira margem do rio, quarta esquina da curva do vento, sétima janela a se abrir para o Vale das Fadas que, como ela, trabalham incansavelmente pelo bem estar de todos os seres do mundo, inclusive os humanos.

A Criação jamais fora justa, pensou com seus botões de luz, senão não teria punido, ela e suas irmãs fadas, para sempre condenadas por inexistirem fados, gênero oposto. Fado, dizia-lhe Viviana, sua mentora, significa peso, dor, angústia e sofrimento, daí só existirem fadas, que foram feitas para ser o contrário disso tudo.

Era primavera, e esta se anunciaava mais cálida que a anterior. Graças àquele calor inesperado, pela primeira vez desde o início de tudo elas vieram: corpo pequeno, zunzum parecido com o delas, fadas, e grandes asas, como as suas, só que com leves toques de azul mesclado ao verde, sobretudo quando o sol batia ali esguelhado: semelhava uma espécie de cristal que repartia a luz do sol em uma franja de cores que saía daquelas asas.

– O que são? – ela perguntou para Brígida.

– São libélulas – ela lhe respondeu. – Deixe de ser boba, não perca tempo com elas: são só insetos.



Chamá-las de insetos seria como chamar-nos de mulheres pequenas, ousou pensar, e, aproveitando-se da distração de Brígida, pôs-se a voar com elas, misturar-se a elas e a elas sentir-se irmanada, próxima, única, libélula.

Aliás, aquela ali chamara-lhe a atenção: asas maiores e mais azuis, parte inferior do corpo mais arqueada para baixo que as demais, zunzum mais grave e sensualmente sinuoso. Não conseguia mais tirar os olhos daquele ser que lhe inspirava um amor maior do que o que sentia por qualquer dos demais seres da Terra. Na falta de nome melhor, batizou-o de Arco.

Libélulas voavam em bando, bem diferente dos trajetos aéreos das fadas, invariavelmente solitários. E agora ela voava com elas. Elas eram bando, enxame, nuvem, ar, seres pulverizados de asas e de luz refratada. Íris voou ao lado de Arco até se perder nas asas, nos zuns. As libélulas tinham antenas maiores que suas cabeças, como as fadas, como ela. Arco as tinha ainda mais belas.

Lá embaixo, o Vale, a relva, os bichos e os fios de rio entremeados de flores nativas de cores iridescentes e luxuriosas ia se transformando: aos poucos, a variedade de cores e de animais, de rios e de seres da floresta era virada em um imenso tapete verde em que só se via um tipo de planta, desconhecido para ela, estranhamente nascidas a uma mesma distância uma da outra. Se ela olhasse lá longe, o horizonte lhe mostrava aquela gigantesca sequência de linhas e ângulos retos, entre os quais aquelas plantas de mesma espécie espoucavam da terra.

Aquela estranha geometria era interrompida lá no longe pelo ligeiro arco da Terra, almiscarado de



tons de laranja que antecipavam o crepúsculo e por uma estranha formação de coloração púrpura e forma semelhante à de qualquer nuvem vulgar. Íris e o bando de libélulas se aproximavam rapidamente daquele colchão purpurado que flutuava no ar da tarde.

Quando entraram naquela nuvem, a primavera à sua volta escureceu, o ar lhe faltou e ela, tanto quanto as libélulas, tanto quanto Arco, tentando sorver um ar que lhe queimava por dentro, perdeu a força das asas e fez o que seria sua única alternativa: planou, planou talvez pela última vez sob aquele céu, certa que estava de que jamais voltaria ao Vale da Fadas.

Planou naquela brisa com o cheiro ácido dos venenos que compunham os defensivos agrícolas.

Planou e tombou próximo do caule de um dos milhares de pés de soja transgênica que transformava aquele mundo e aquela tarde mágica em um grande, gigantesco, imensurável tapete, infinito de verdes, agora coalhado de asas com pedaços de arco-íris que, apenas lembranças da leveza que tinham, tombavam frouxas sobre o solo úmido.



João Peçanha¹
Professor e Escritor



¹ Nascido em Niterói, é professor e escritor. Doutorado em Literatura Comparada pela UFF, considera a tal "ficção de entretenimento" (!) fundamental, sobretudo por ser uma grande responsável pela formação de futuros leitores. Escreve porque é o melhor que sabe fazer.



O mascarado

Era tarde de inverno quando o reencontrei. Caminhávamos sobre as pedras das ruas, à sombra de abricós que, de tão velhos, podiam guardar em suas copas a memória dos prédios centenários e do povo da cidade.



Ao sul, a capela jesuíta erguida em homenagem a São João Batista parecia nos vigiar, como fizera aos africanos escravizados pelo tráfico que por ali passaram. Mas, em contraste a estes, garantia-nos do alto daquele pequeno morro por ela ornado um lugar junto aos tantos mortos guardados em suas catacumbas quatrocentonais.

A oeste, o pôr do sol dourava mais uma vez o rio e espalhava fogo do horizonte à abóbada de um céu mutante. Preparava-se para se esconder entre as árvores, atrás do mangue, imitando as gaivotas brancas recém-chegadas do norte em revoada, como se descansar fosse preciso.

A leste, a bruma engolia o horizonte e tudo o que antes era calor e cor. A restinga, a flor e o fruto do mandacaru, a amendoeira, a areia, a espuma, o mar, a ilha, as nuvens e os Trinta-réis desbotavam seus amarelos, seus vermelhos e seus azuis e mergulhavam na friagem cinza da noite que se apresentava.

Estávamos em uma encruzilhada fêmea. Nela, três caminhos se ofereciam. Éramos dois homens parados no centro do reino das Pomba-giras decidindo nossos caminhos. Voltar, seguir ou mudar a direção era o que se nos impunha. Vencida a hesitação, primeiro ele e depois eu tomamos a direção leste, ao encontro do frio e do pálido.

Eu o observava pelas costas. Não me chamavam a atenção sua roupa, seu chapéu ou seus sapatos, se é que os usava, mas seu andar. Havia algo incomum no desenho sem pressa nem vagar dos seus passos. Seguiam como se não levassem um corpo, revelando uma leveza despida de graça. Era como se carregassem um fardo sem matéria e, por ser assim, rompiam as barreiras do espaço e do tempo.

Meu estranho e antigo companheiro, de modo diferente ao que agora relato, nasceu em um tempo e em um lugar comuns. Para alegria de seus pais era um menino. A masculinidade foi a primeira das muitas fantasias que vestiu. Depois vieram outras tantas e, com elas, as máscaras.

Ainda muito novo recebeu de presente e de bom grado uma coleção delas: máscara de inteligente, de sedutor, de bonito, de descontraído, de gentil, mas nenhuma delas enchia-o tanto de orgulho quanto uma máscara branca, de família, que lhe servia de base para todas as outras. Quando a vestia, sentia-se forte e se reconhecia merecedor de todas as suas conquistas e de todos os seus privilégios. Havia sido presente de seu amado pai que, por sua vez, recebeu de seu avô paterno e que ele, como mandava a tradição, deveria ofertá-la ao seu filho.

Com o passar do tempo, assumiu papel ativo na escolha de suas máscaras, ora recolhendo as que encontrava descartadas pelo caminho, ora trocando as antigas e fora de moda por outras mais modernas, adequadas e úteis.





Homem feito, suas fantasias lhe bastavam. Para o lar, máscara de bom pai de família e de bom amante. Para os negócios, máscara de competência e de honestidade. Para os amigos, máscara de ternura e de benquerença. Contava com uma máscara para cada situação e as utilizava com destreza. Em ocasiões especiais, quando um objetivo lhe apresentava inalcançável, ocorria-lhe de sobrepor diversas máscaras àquela branca, de família, e era certeiro no alcance do efeito desejado.

Especializou-se de tal forma em seus disfarces que conseguia utilizar máscaras que, combinadas, pareciam estancar o tempo. Fazia um ajuste aqui, outro ali e era como se o tempo parasse, ou pelo menos ficasse suspenso, sem deixar marcas, pacientemente esperando.

Chegado o dia de transmitir ao filho a máscara herdada, algo inesperado ocorreu. De tanto usá-la, junto a outras ou não, o mascarado já não podia mais prescindir dela. Por mais que tentasse retirá-la, seu rosto absorvia sua cor e sua forma, tornando-se cada vez mais branco e mais desejante de poder. Máscara e rosto fundiram-se, transformando o homem e a coisa em uma mescla indistinta de realidade e fantasia.

Fato é que o tempo aparentemente suspenso, parado, que esperava com paciência o vestir e o trocar de suas máscaras, nunca o traiu. Esteve sempre ao seu lado lhe roendo os calcanhares e lembrando-lhe de que era humano, mas suas máscaras lhe cobriam olhos, ouvido, nariz e boca, distorcendo seus sentidos e impedindo-o de sê-lo.

Agora, só lhe restava uma encruzilhada e uma escolha. À sua frente, a fragem vinda do mar; às suas costas, eu e o sol que já se punha. De repente, naquela pequena rua que ligava o rio ao mar, o tempo caía e se fazia presente. Caíam

também as máscaras do rosto daquele homem, revelando o que restava ali de humanidade.

Apresso-me para ultrapassá-lo e me viro em direção a ele. Posso finalmente mirá-lo de frente, no espaço e no tempo presente e, apesar do sol que me ofusca os olhos, vejo sua face sem máscaras. Nela, estão as marcas de tantas farsas, e além das marcas, o vazio.

Para não mais ver, tapo os olhos com as mãos e, ao cegar-me, sinto revelar-se ao toque dos meus dedos a minha própria máscara: a máscara do filho que não herdou do pai a máscara branca.

Troco meus passos e me encaminho sereno e decididamente para o meu sul.



Rio São João de José Pancetti. 1947

Antonio C. B. Campos¹

Professor e Psicanalista



¹ Doutorando em Psicologia Social e Mestre em Psicanálise pela UK - Buenos Aires. Professor de Matemática da FAETEC-RJ. Editor da Re-vista de Humanidades. Associado ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise do Rio de Janeiro.



A psicologia dos neuróticos

Partindo do princípio que, estudando a vida mental de homens que vivem apartados das sociedades civilizadas poder-se-ia identificar o estádio primitivo do desenvolvimento do homem do seu tempo, Freud em seu livro, *Totem e Tabu*, abandona a “teoria antropológica da superioridade” do homem civilizado em relação ao primitivo e, aproximando-se da etnologia moderna, traça uma comparação entre a psicologia dos povos primitivos e a psicologia do neurótico. As tribos escolhidas para esse estudo foi a dos aborígenes da Austrália, especificamente as tribos do centro do continente, que, por enfrentarem condições adversas à sobrevivência, eram consideradas pelos antropólogos da época, ainda mais primitivas e pobres do que as da costa.

Esses aborígenes do início do século XX, distinguiam-se dos povos melanésio, polinésio e malaios —seus vizinhos—, pois não se vestiam, não cultuavam deuses, não possuíam reis ou chefes, não construíam casas, não plantavam, nem conheciam a arte da cerâmica, praticavam o canibalismo e sobreviviam da caça e do extrativismo, porém, possuíam um conselho de anciães para decidir sobre os assuntos comuns e erigiam regras, passíveis de severas punições se transgredidas, com o objetivo de evitar o incesto.

Totem, exogamia e sociedade

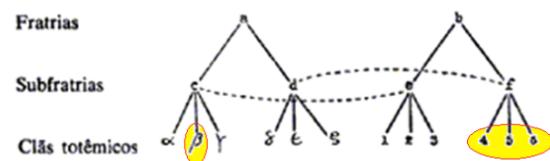
Essas tribos australianas, eram subdivididas em clãs e denominadas por seu totem: quase sempre um animal ou, raramente, um vegetal ou fenômeno da natureza. O totem era o antepassado e, ao mesmo tempo, o guardião do clã, e, por isso, os seus membros eram impedidos de matá-lo, comê-lo ou tirar algum proveito dele. Quase sempre o totem era transmitido pela linhagem materna, e o laço totêmico, fundamental para a organização das relações sociais, tinha mais força do que o

sanguíneo, muitas vezes completamente desprezado.

Os aborígenes de mesmo totem distribuíam-se por diversas localidades, convivendo pacificamente com membros de outros e eram severamente proibidos de manterem relações sexuais e de casarem com os membros do mesmo clã totêmico. O incesto, neste caso determinado pela relação sexual entre pessoas do mesmo totem e, até mesmo, pelo namoro entre irmãos totêmicos, era punido com a morte e com tal rigor e repulsa que a pena era executada por todos os membros do clã.

No sistema totêmico, a proibição para as relações sexuais abrange os mais distantes graus de parentesco e inclui o incesto — tal qual o reconhecemos em nossa cultura — como um caso especial do sistema. Os termos “pai”, “mãe”, “irmão” e “irmã” não são utilizados somente para os parentes consanguíneos; são utilizados também para indicar relacionamentos sociais. Esses aborígenes chamavam de pai a todo homem que poderia ter desposado a mãe e tê-lo gerado; chamavam de mãe a toda mulher que poderia concebê-lo casando-se com o pai; e de irmãos a todos os filhos e filhas das pessoas reconhecidas como pais nesse sistema classificatório.

Além das proibições, surpreendentemente, algumas dessas tribos australianas se estruturavam utilizando divisões para a classificação matrimonial, as “fratrias” e “subfratrias”, que restringiam ainda mais a liberdade matrimonial e sexual, garantindo a exogamia em caso de declínio do totem.





Para atender as restrições impostas por essa classificação, um homem do totem β só poderia casar-se com mulheres dos totens 4, 5 e 6, pois as demais estariam impedidas por pertencerem às subfatrias relacionadas (c) e (e) ou ainda à fratria (a).

Nesse estádio da organização das classes matrimoniais, podemos observar que as restrições da liberdade sexual não afetavam as relações entre pais e filhas, mas as relações entre irmãos e entre filho e mãe. O impedimento para a relação entre pais e filhas surgiu posteriormente com a expansão do regulamento.

Além das proibições descritas, esses povos ainda se submetiam a uma série de normas regulatórias da atividade social entre parentes: as “evitações”. Seguem algumas praticadas por povos australianos de diferentes regiões:

- o menino, ao chegar à maturidade sexual, deixa a casa paterna e muda-se para uma casa comum, só obtendo permissão para visitar a casa paterna na ausência de suas irmãs — Ilha dos Leprosos, Novas Hebridas;
- a irmã, ao encontrar o irmão, foge para o mato e evita o contato — Nova Caledônia;
- a mulher, após o casamento, não fala mais com o irmão, nem pronuncia o nome dele — Peninsula Gazelle, Nova Bretanha;
- a mãe alimenta o filho púbere indiretamente, deixando a comida no chão para que ele se sirva — Ilha dos Leprosos, Novas Hebridas;;
- o pai nunca fica sozinho com a filha —Povos batas, Sumatra.

Outras ainda incluem restrições ao contato entre primos e primas, sogras e genros, cunhados e até mesmo entre animais domésticos de mesma linhagem.

Nessas tribos, tanto era o horror ao incesto que as medidas tomadas para evitá-lo sustentam a

própria estrutura social. Podemos inferir que tal horror e medidas preventivas só se justificam por uma enorme tentação em cometê-lo:

Não é fácil perceber porque qualquer instinto humano profundo deva necessitar ser reforçado pela lei. Não há lei que ordene aos homens comer e beber ou os proíba de colocar as mãos no fogo. (...) A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam; o que a própria natureza proíbe e pune, seria supérfluo para a lei proibir e punir. Por conseguinte, podemos sempre com segurança pressupor que os crimes proibidos pela lei são crimes que muitos homens têm uma propensão natural a cometer. (Frazer, 1910,4,97 e seg – citado por Freud, 1913, p.129)

É relevante acrescentar que, curiosamente, apesar de tantas restrições, em algumas tribos —a exemplo de Fiji—, são realizadas “orgias sagradas” nas quais as proibições cedem lugar ao desejo. Tal atitude nos possibilita formular que o horror ao incesto deriva do desejo por cometê-lo associado à necessidade de contê-lo, por entender que a sua prática não favorece as relações sociais.

Há indícios de que o totemismo esteve presente entre os aborígenes arianos e semitas da Europa e da Ásia. No início do século XX, ainda era possível se observar sociedades vivendo sob o regime totêmico nas Índias Orientais da Oceania, na África e na América do Norte —de onde se origina o termo—.

Para Freud (1913), o totemismo é “(...) uma fase necessária do desenvolvimento humano que tem sido universalmente atravessada”(p.23).

A rivalidade na horda darwiniana

Diante das incertezas em que mergulhamos ao investigar o totemismo, cabe ainda avaliar o ponto



de vista elaborado por Charles Darwin sobre o estado social dos homens primitivos, a partir da observação dos símios superiores. Para Darwin, o homem primevo vivia em pequenas hordas e o ciúme do macho, líder e mais forte, garantia a exogamia:

(...) o homem primevo vivia originalmente em pequenas comunidades, cada um com tantas esposas quantas podia sustentar e obter, as quais zelosamente guardava contra todos os outros homens. (...) Os machos mais novos, sendo assim expulsos e forçados a vaguear por outros lugares, quando por fim conseguiam encontrar uma companheira, preveniriam também uma endogamia muito estrita dentro dos limites da mesma família. (Darwin, 1871,2,362 e seg. – citado por Freud, 1913, p. 131)

O que se vê na horda sugerida por Darwin é um pai terrível e violento, detentor de todas as mulheres, que expulsa seus filhos para não correr o risco de compartilhá-las. Ocupava o lugar de ideal do grupo e dirigia o eu dos integrantes da horda no lugar do supereu. A consequência desse tipo de estrutura é a exogamia para os filhos do líder, que formariam novas hordas com a mesma proibição. Assim, não havia relação sexual entre indivíduos da mesma horda, exceto entre o líder e suas esposas, e esse líder só cedia o seu lugar quando morria.

Provavelmente, os filhos expulsos, separados do pai e vivendo exilados, “passaram da identificação uns com os outros para o amor homossexual de objeto e, dessa forma, conseguiram liberdade para matar o pai” (Freud, 1921, p. 134). Retornaram à horda paterna e juntos devoraram o tirânico e invejado pai; ao devorá-lo, identificaram-se com ele e adquiriram parte de sua força. Deu-se origem, então, às hordas fraternas, plenas de sentimentos contraditórios e

ambivalentes por terem sido constituídas a partir da morte do pai, que, ao mesmo tempo, era odiado e amado. Após satisfeito o ódio, o amor recalado apresenta-se na forma de culpa e remorso e, assim, “o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo.”(Freud, 1913, p.146)

O que até então era proibido pelo pai real manteve seu caráter proibitivo na forma dos dois principais tabus do totemismo: não matar o animal totêmico, representante do pai primevo, e não se relacionar sexualmente com pessoas do mesmo totem. Tal interdito foi o ponto decisivo para a possibilidade de uma nova organização social, pois, sem ele, os irmãos, livres do pai, digladiar-se-iam pelo domínio das mulheres e do poder numa luta sem fim pelo lugar inalcançável do pai.

Nunca foi possível realizar uma observação direta da horda de Darwin. O mais antigo sistema social já examinado é constituído de machos com direitos iguais, vivendo sob o regime das leis totêmicas. A hipótese darwiniana, diferentemente do que foi exposto, apresenta-nos o totemismo como derivado da horda primeva e não, anterior a ela. Partindo dessa hipótese, infere-se que, com o passar do tempo, as hordas, formadas pelos filhos ao longo das gerações subsequentes foram recebendo nomes de animais, vegetais etc., dando origem ao totemismo, e a lei delas toma outra forma, proibindo a relação sexual entre indivíduos do mesmo totem.

Graças ao totemismo, a culpa pelo parricídio foi amenizada e justificada. Era factível aludir que, se os filhos tivessem recebido o tratamento paterno nos moldes do que o totem lhes assegura, não havia motivo para matá-lo. Nas palavras de Freud (1913):

O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai –proteção, cuidado e indulgência– enquanto que, por seu lado,



comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real. (p.148)

A religião totêmica ameniza o sentimento de culpa dos membros do clã e pacifica o pai por meio da obediência adiada. Isso possibilita esquecer a própria origem: parricídio e incesto.

O complexo nuclear das neuroses: Incesto e Parricídio

À luz da Psicanálise, sabe-se que o incesto é uma característica infantil, pois a mãe é o primeiro objeto de amor de uma criança; porém, à medida que amadurece, ela liberta-se da tentação incestuosa e dirige seu interesse sexual para outros objetos. Com o neurótico, as coisas não se dão dessa forma: o neurótico é aquele que, seja por regressão, seja por inibição, mantém características psicossexuais infantis, tornando a fixação libidinal incestuosa o centro de sua vida mental inconsciente. Dessa forma, continuando a analogia entre os impulsos inconscientes do neurótico e a psicologia dos povos selvagens, podemos inferir que os desejos incestuosos inconscientes e reprimidos do neurótico fossem ainda encarados pelos povos selvagens como perigos iminentes; contra eles, portanto, precisavam severamente se defender.

Não matar o animal totêmico, representante do pai primevo e não se relacionar sexualmente com pessoas do mesmo totem foram os tabus violados por Édipo, que matou o pai e tomou o seu lugar junto à mãe. Esse desejo parricida e incestuoso, universal e inconsciente, é o que Freud chama de complexo nuclear das neuroses.

Os totens de Árpád e Hans

A desinibição diante das necessidades fisiológicas, o desconhecimento de sua própria natureza, a falta de escrúpulos e a despretensão social fazem com que as crianças se percebam

mais semelhantes ao animal do que ao homem adulto civilizado, porém, muito frequentemente, temos notícia de crianças com medo de uma espécie animal que, até então, as encantava como se vê história do Pequeno Hans (Freud, 1909). Outra, a história do Pequeno Árpád, classificada por Freud (1913) como “um exemplo de totemismo positivo”, devemos seu relato a Ferenczi.

A fobia do Árpád tem sua origem nas férias de verão, quando ele, aos dois anos e meio, aventurando-se a urinar em um galinheiro, foi atacado por uma galinha, que tentou bicar (ou bicou) o seu pênis. Um ano depois do incidente, ao visitar o mesmo lugar, o menino dirigiu todo seu interesse para o galinheiro, inclusive trocando o falar pelo cocoricar. Aos cinco anos, já retomada a fala, seu interesse, seus assuntos, suas canções e seus brinquedos ainda eram todos relacionados às aves domésticas, incluindo um estranho jogo no qual matava as galinhas, dançava por horas ao redor dos corpos e, depois, acariciava, beijava e limpava as aves de brinquedo que havia maltratado.

Pode-se constatar no caso do Árpád, o menino Galo, uma estrutura semelhante à observada no totemismo australiano: uma identificação do homem com seu totem ao mesmo tempo em que desenvolve uma relação emocional ambivalente para com ele. O estranho comportamento foi traduzido da linguagem totêmica para a linguagem usual pelo próprio menino ao expressar que seu pai era um galo e que ele era um frango que se transformaria em uma galinha para depois vir a ser um galo.

A intensa atividade sexual entre galos e galinhas, a postura de ovos e o nascimento dos filhotes aguçavam e satisfaziam a curiosidade do menino, como também desviavam a atenção do real objeto, que era a própria família.

Tanto no caso do pequeno Hans quanto no caso do pequeno Árpád, o que está em jogo é uma relação de amor e ódio, que culmina com a



substituição do pai pelo animal totêmico, cavalo e galo, respectivamente, tal como ocorre no totemismo, no qual o totem é um “ancestral comum e pai primevo”.(Freud, 1913, p.136)

Uma ambivalência chamada Tabu

Tabu é um termo que traz em si uma antítese: ao mesmo tempo que significa sagrado, significa também impuro. Carrega a marca do inabordável, do intangível e é expresso, principalmente, por restrições e proibições. Freud (1913) supõe-se que os tabus sejam o código de lei mais antigo da humanidade, precedendo aos deuses e às religiões, e, apesar de poder coincidir com a noção de “temor sagrado” (p.37), as interdições impostas pelos tabus não atendem nem as ordens divinas, nem as regras morais de um grupo social: “as proibições dos tabus não têm fundamento e são de origem desconhecida” (p.37).

Originalmente, a violação de um tabu era por ele mesmo vingada. Após o surgimento da ideia de deuses e espíritos, passou-se a esperar que o poder divino punisse o infrator, e, subsequentemente, os grupos sociais ameaçados pela transgressão criaram os primeiros sistemas penais para punir os transgressores.

O tempo de duração dos tabus varia conforme suas características. Podem ser permanentes — aqueles ligados a sacerdotes, morte, objetos de pessoas mortas etc — ou temporários — os associados a estados transitórios como a menstruação, parto, retorno do pós-guerra, entre outros.

Uma das características do tabu é a transmissibilidade, pois, como uma infecção, é transmitido àqueles que o violam, o tocam ou se aproximam de pessoas ou coisas assim consideradas. Para evitar alguns desses perigos, são realizados “atos de expiação e purificação” (Freud, 1913, p.39), visando expulsar o tabu daqueles que se submeteram à transmissão.

Entre os povos primitivos, um tabu é cegamente respeitado. Suas proibições — associadas quase sempre à limitação do prazer, da liberdade, do movimento e da comunicação —, assim como as severas penas aplicadas aos transgressores, são aceitas como naturais e desejadas pelo grupo.

Freud (1913) justifica seu interesse pelo tabu por reconhecê-lo na origem das convenções e das proibições de sua época e, principalmente, por “lançar luz sobre a origem obscura do nosso próprio ‘imperativo categórico’” (p.41), o supereu, que, tão ambivalente quanto um tabu, expressa a lei moral e também a ordem de gozo cego e destrutivo.

Proibições e restrições desprovidas de sentido, sem origem identificável, surgidas em momentos não específicos e mantidas por uma certeza inabalável de punição sem a necessidade de nenhum agente externo para executá-la, assim como rituais expiatórios e defensivos para evitar que o mal se instale, são, como já elucidaram os estudos psicanalíticos, características não só do tabu, mas também da neurose obsessiva. Outro ponto coincidente entre tabu e neurose obsessiva é o fato de que suas proibições são facilmente deslocáveis, transmissíveis: estendem-se de um objeto a outro e desse a outros, sem nenhuma conexão lógica aparente, criando um mundo de impossibilidades para quem se submete a elas.

Uma situação ambivalente é gerada por essas proibições conscientes ao reprimir um desejo inconsciente: o desejo reprimido, para fugir do impasse, retorna do inconsciente ligado a objetos substitutos. A consequência ulterior do deslocamento do desejo é o também deslocamento da proibição, que se estenderá a todos os novos objetos desejados, gerando, com essa inibição mútua, uma forte tensão libidinal e, consequentemente, uma descarga através dos atos obsessivos.

Se tomarmos para analisar as proibições obsessivas e os tabus mais fundamentais, salvaguardando as diferenças entre um selvagem e



um neurótico, poderemos encontrar muitos pontos coincidentes:

- as origens remotas, incertas e inconscientes;
- o intenso desejo de praticar as ações que foram proibidas por autoridade parental ou social de uma geração anterior;
- o medo maior do que o desejo de realizar a atividade proibida;
- o deslocamento – transmissão – do objeto proibido;
- os atos de expiação e reparação.

A comparação estabelecida por Freud entre o homem primitivo e o neurótico, mais precisamente o neurótico obsessivo, fica bem delineada por dois pontos centrais:

- ambos foram perpassados pelo desejo de matar o pai e tomar o seu lugar;
- o desejo parricida foi sucedido por um período de moralidade exacerbada.

Como pontos distintivos, tem-se que os homens primitivos, desinibidos, experimentaram de forma concreta o que havia em sua realidade psíquica, enquanto os neuróticos, inibidos em sua ação, fazem do pensamento o substituto dos seus atos.

Divindade, sacrifícios e religião totêmica

Em seu estudo, Freud revê o trabalho de William Robertson Smith (1889) —físico, filólogo, crítico da Bíblia e arqueólogo— que em seu livro *Religion of Semites*, tendo como referência os antigos semitas, apresenta a refeição totêmica na base do totemismo, assim como o sacrifício de animais como uma característica geral, essencial e mais antiga das religiões desses povos. Apesar da matança do primitivo animal totêmico ser proibida como a de qualquer membro do totem, nessas ocasiões era justificada por ser praticada por todo o clã. Após a matança, os membros da comunidade compartilhavam com o seu deus a carne e o

sangue do animal sacrificado. Assim, enquanto o alimento ingerido continuasse em seus corpos, não precisavam mais temê-lo e podiam contar com a sua proteção. Essa refeição sacrificatória, por promover uma proteção temporária, precisava ser repetida e, ao repeti-la, todos os membros do clã fortaleciam o parentesco por meio da crença de que eles e o seu deus eram feitos de uma só substância.

Apenas os pais não participavam dessa refeição, uma vez que o totem era transmitido pela via materna e, por isso, necessariamente, diferente do totem paterno. Nas sociedades totêmicas, estudadas por Smith, caracterizadas pelo matriarcado e pelo sacrifício de animais, surge, surpreendentemente, o conceito de um deus masculino sob a forma de pai glorificado. Uma transformação, impulsionada pela saudade do pai primevo da Horda Darwiniana e pelo sentimento de culpa oriundos do assassinato dele, faz com que o totem, primeiro representante do pai, passe a compartilhar a cena religiosa com um deus de forma humana e com o animal a ele consagrado: “A elevação do pai que fora outrora assassinado à condição de um deus de quem o clã alegava descender constituía uma tentativa de expiação muito mais séria do que fora o antigo pacto com o totem.” (Freud, 1913, p.151)

Apesar da elevação do pai à condição de deus, uma atitude de ambivalência com ele pode ser notada no sacrifício do animal perante o deus do clã, pois tanto o animal sacrificado quanto o deus homenageado são, cronologicamente, representações do mesmo pai, para o qual os desejos hostis e amorosos dos filhos convergem. No sacrifício, em um mesmo ato, ultrajam e reverenciam o mesmo pai. Diz Freud (1913): “A atitude ambivalente para com o pai encontrou nela [na dupla presença do pai] uma expressão plástica e assim também uma vitória das emoções afetuosas do filho sobre as hostis.” (p.152)



Com o retorno do pai ao centro da cena social, o matriarcado totêmico dá lugar a uma sociedade de base patriarcal, devolvendo alguns direitos do pai primevo ao pai atual, mas garantido as conquistas do clã fraterno. Essa nova estrutura conta com pais cuja função garante a ordem social e a religião. E, ao garantir a religião, garante também uma forma de ligação do clã totêmico com o pai.

O pecado original

O pecado original, tal como apresentado pela doutrina cristã, é o resultado direto do pecado cometido por nossos primeiros ancestrais: Adão e Eva. Ele pretende explicar a origem da imperfeição do homem, do seu sofrimento e do advento do mal através da “queda do homem”.(Bíblia, 2005)

Segundo a Bíblia Sagrada, a culpa por terem cedido à tentação da sedutora serpente ao comerem do fruto proibido da árvore do conhecimento, desobedecendo às ordens de Deus, fora transmitida de forma hereditária para toda humanidade. A doutrina cristã afirma que, para redimir os homens desse pecado hereditário, Cristo, filho de Deus, deu-se em sacrifício e morreu na cruz, em “uma expiação para com o Deus-pai” (Freud, 1913, p.156).

Pela simbologia contida nesse mito, que envolve a serpente e a transmissão congênita, levanta-se a hipótese de que o pecado original apresenta um caráter de desobediência sexual.

Outro ponto de vista pode ser aventado, atribuindo-se maior relevância ao fato de o fruto proibido ser um fruto da árvore do conhecimento. Tomando-se essa via de pensamento, pode-se estar diante do processo de hominização, diante do homem ultrapassando a horda de Darwin e deixando a natureza em direção à cultura: sabe-se que o custo desse processo foi o assassinado do pai da horda.

Uma das mais antigas leis da humanidade consiste em uma rigorosa reciprocidade entre crime

e pena, a lei de talião. Por essa lei, se um olho for de alguém arrancado, o agressor terá também o olho retirado; logo, somente um assassinato poderia ser expiado por outro.

Partindo-se dos ensinamentos cristãos, tem-se que, para salvar os homens, Cristo se permitiu ser morto, como um animal sacrificatório, e foi oferecido a Deus como forma de expiação do pecado original. Considerando-se a antiga lei, somente a morte de um pai poderia justificar a morte de um filho como expiação.

Aos olhos de Freud (1913), Cristo, filho de Deus, representando todos os demais filhos, permite-se ser sacrificado para livrar a humanidade do pecado original: o parricídio. Com este sacrifício, além de os homens expiarem o pecado, ocorre outro fenômeno não menos importante: o próprio Cristo, em atitude ambivalente, tal como em uma neurose obsessiva, demonstra sua veneração pelo pai, mas também realiza seu desejo contra ele: torna-se deus, ocupa o lugar do pai e dá origem a uma religião filial — o cristianismo —, no lugar da religião paterna.

Essa sucessão fica evidente na atualização da refeição totêmica, que, no cristianismo, se apresenta sob a forma da eucaristia. Nela, todos os irmãos consomem o corpo e o sangue do filho e não do pai, e aqueles que comungam regularmente o fazem para se santificar e se identificar com o seu Deus, o Cristo, o filho de Deus pai. Reafirmam com a eucaristia, a cada vez que se repete, além dos laços com o filho, a eliminação do pai.

Diante do exposto, pode-se inferir que, até na base da religião cristã, encontra-se o que Freud denominou como o núcleo de todas as neuroses, o Complexo de Édipo, mais especificamente, a rivalidade entre pai e filho.



Referências

Bíblia Sagrada, Tradução: Frei José Pedreira de Castro, Genesis, Capítulo 3:1 – A tentação de Eva e a queda do homem, Editora Ave Maria, 55ª Edição Claretiana, 2005.

Freud, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos, 1909. In: _____. Duas histórias clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 11-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

Freud, S. Totem e Tabu, 1913 [1912-13]. In: _____. Totem e Tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.11-163. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

Freud, S. Psicologia de grupo e a análise do ego, 1921. In: _____. Além do princípio de prazer. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 77-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

O presente artigo trata-se de uma adaptação do texto publicado no livro: “Pai e Filho: uma relação ambígua”, baseado em minha dissertação de Mestrado em Psicanálise defendida em julho de 2016 na Universidad Argentinha John F. Kennedy — CABA, sob a orientação da Dra. Maria Ester Jozami.



Antonio C. B. Campos¹
Professor e Psicanalista



¹ Doutorando em Psicologia Social e Mestre em Psicanálise pela UK - Buenos Aires. Professor de Matemática da FAETEC-RJ. Editor da Revista de Humanidades. Associado ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise do Rio de Janeiro.

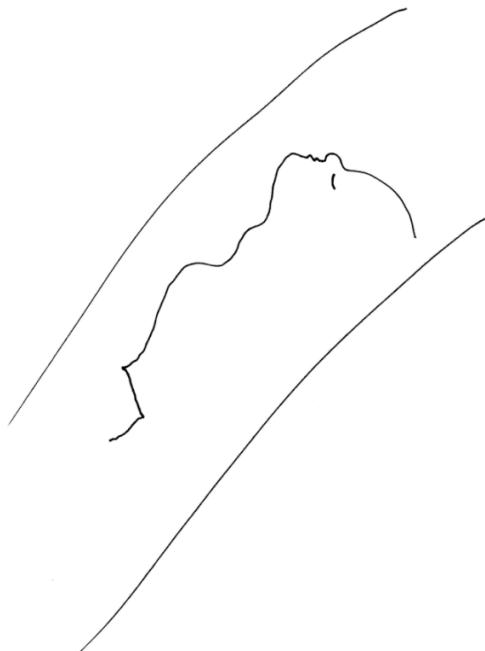


balé das quatro estações

eu quero lamber os ventos que te afagam
 eu quero deitar com as chuvas que te trazem
 eu quero me espalhar na natureza que te abriga
 ser o balé das quatro estações em tua vida

delicadeza

ir lá
 assumir a vontade
 abraçar o prazer
 genuíno gostar
 leve sorver
 íntimo sal
 se recolher
 calar
 ser





essência

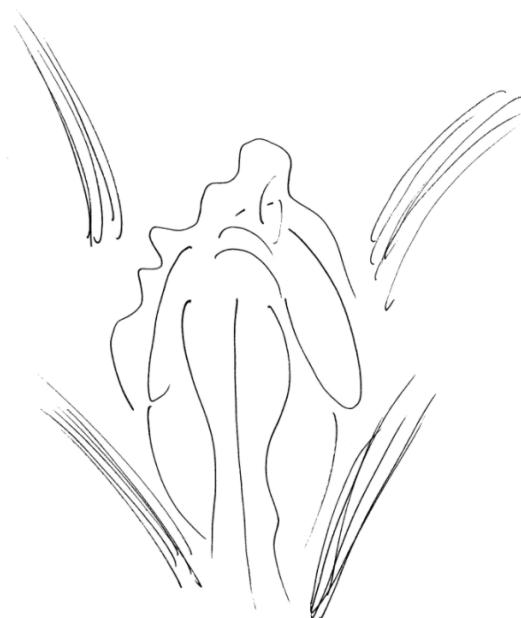
na essência
 avançar pelas vias sem legenda
 por gestos e gritos de alforria
 em diálogos insistentes além-mim

 saber da pele alva que se despe
 ver brilhar os olhos negros que me molham
 e sorver de nossas bocas a saliva



deslizes

risco
 fenda
 sulco
 brecha
 pinga gota
 escorre fio
 deslizes
 sabor anis e mar



palavras

com palavras me confundo
 me envolvo
 me alivio
 de palavras me visto
 me descubro
 me sacio
 em palavras parto e regresso
 nas palavras sem gestos
 te procuro e me perco
 nos gestos sem palavras
 me acho
 e te alcanço
 ontem, hoje, amanhã, todo dia

**nossa bossa**

minha força
 tua força
 nossa bossa
 toda boca
 coisa polpa
 fala pouca
 língua louca
 e eu que quase calo
 a cama rouca

ato

pois
 abramos as janelas
 para a brisa
 fechemos as cortinas
 para a pele
 desdobremos o lençol
 para o suor
 e sejamos

**germinal**

grão sideral
 no útero do tempo
 flutuo úmida
 em silêncio germinal

Angela Duarte | Danilo Bento
 Poetisa | Ilustrador





Impressões

Dias desses, caiu em minhas mãos um poema —de autoria incerta— que falava de humanidades: lembrava dos limites que precisam ser respeitados numa relação de amizade.

Difícil pensar nisso quando nos relacionamos com um grande amigo, pois este, conhece as nossas facetas, conhece nossos defeitos, mas, também, as nossas qualidades e, por isso, supomos poder dizer o que pensamos e o que sentimos, sem nos preocuparmos em utilizar filtros ou meias palavras, afinal, já demos tantas vezes prova da nossa lealdade...

Isso não é de todo, um equívoco, mas, ah... quem dera que fosse simples assim.

Um amigo é, assim como nós, uma pessoa, que tem uma história de vida. É com base nessa história, única, individual, que ele define a sua visão de mundo e a forma como se estrutura emocionalmente; é com essa visão que ele ama os amigos e se alegra com eles, mas também é com ela, que cria expectativas; que se ressente; que alimenta ideias preconcebidas e sofre, assim como nós.

Não pretendo aqui aprofundar teorias sobre as relações humanas, mas dizer de experiências vividas, com amigos muito queridos, cuja amizade, em algum momento, foi desfeita ou modificada, ressignificada, reformatada, mesmo a contragosto

de ambos, pelo fato de termos descuidado exatamente desse ponto crucial, que é a

compreensão e o respeito aos limites, nossos e do outro.

Parece difícil..., mas me pego pensando, que graça teria?

Como eu reconheceria equívocos e me disporia a modificar conceitos e certezas, se não fosse a educativa complexidade das relações humanas?



Women on a Balcony - Charles Joseph Soulacroix (1825-1899)

Lêda Maria Ferreira
Pedagoga e Psicopedagoga





De onde vem esta cobrança?

Mais uma vez, o trivial simples. O de sempre, ressurgindo hoje como certamente voltará a me rondar mais dia, menos dia. Isto mesmo: basta que eu venha a pensar alguma coisa ou perceba o brotar de qualquer tipo de sentimento, quase que imediatamente quero registrar a ideia, como se minha fala fosse necessária para quem viesse a tomar conhecimento da experiência vivenciada naquela hora. Escrever por mim e pelo outro.

A experiência de hoje foi sui generis. Dia decisivo envolvendo a saúde de um ente super querido. E as notícias chegaram luminosas: nuvens, antes supostas, dispersaram-se exuberantes; e a luz do sol ultrapassou barreiras que até dijaojinha o encobriam. Muita luz. Temores afastados e lamentos substituídos por vivas e mais vivas.

Chorei de doer o peito; e a surpresa veio junto com as lágrimas: de dentro, sem nenhum pensar, coisa brotada da alma, sem nenhum rastro cognitivo ou lógico, eis que vejo surgir um pensamento, firme, uma conlamação a realizar uma ação concreta, fazer algo em agradecimento. Estranho que só, até ilógico, diria. Simbolicamente, é como se eu desse devolver com alguma boa ação o bem recebido do destino (ou seja lá de quem quer que seja que determine os caminhos de todos os viventes espalhados pelo Universo). O velho mistério de nossa ínfima condição humana e permanente exposição ao que nos toma nos braços - para o bem ou para o mal enquanto vivemos.

A felicidade veio tão desabalada de dentro do peito que provocou uma sensação de que deveria tomar alguma providênci para demonstrar minha gratidão. Uma urgência em imaginar - e não encontrar - alguma ação concreta, com cor,

cheiro, tempo e forma para suprir o desejo sincero de ser grata.

Minutos se passam, o relógio percorre horas e nada me ocorre. Nada que tenha sentido como resposta ao presente que a vida colocou em meu/ nosso caminho.

Por que tal necessidade? Qual a lógica desta necessidade? Em que se ampara esta minha procura?

COM QUEM, AFINAL, ESTOU EM DÍVIDA?



As horas passam e até agora nada. Não é que me angustie a inconclusão de minha reflexão sobre o que fazer. O tempo é livre e amplo para que ideias sejam tecidas e eleitas... A questão é bem mais profunda: agradecer é verbo transitivo. Alguém precisa receber esta ação contrita de ser grato... Quem? Como? De que forma?

A pensar, a sentir, a buscar... parece ser uma reflexão de vida inteira.

Em 18/11/2020.

Carmen Lucia Pessanha
Professora aposentada, ativa.





Juana la loca: una catástrofe de amor

*¡Locura amorosa!
¡Pleonismo!
¡El amor ya es locura!
(Heine)*

El célebre cuadro de Francisco Pradilla inmortalizó la imagen y su leyenda. Con este cuadro obtuvo el premio Nacional de Madrid en 1878.

Allí Doña Juana, con mirar lúgubre, expresión enajenada y paños y velos negros batidos por el viento inclemente de la estepa castellana, está ante el féretro de su esposo, Felipe el hermoso.



Juana la Loca velando el cadáver de Felipe el Hermoso
Francisco Pradilla y Ortiz - 1877

Algunos autores, como Juan Antonio Vallejo – Nágera, la describe y la sitúa como una Ezquizo – Paranoide cuando escribe sobre ella en “Locos

egregios”. 

Describe, en realidad, una historia de amor, pasión y muerte. Una historia donde esta trilogía posibilita enlaces y catástrofes. Y es en ésta, en la catástrofe, donde ubicamos “pasión y muerte”.

Doña Juana es hija de los Reyes Católicos. La reina Isabel dice: “había quedado prendada del astuto Fernando con (al decir de sus relatores) pasión fulminante”. “...amaba mucho al Rey lo celaba fuera de toda medida!”, escriben los cronistas de la época y “...montaba sonoros números de furor y lágrimas cada vez que su marido la engañaba con otra, cosa harto frecuente.”

Como otro antecedente familiar que considero importante, está su abuela “Isabel de Portugal”, la viuda de Juan II, ésta se pasó los últimos 42 años de su vida encerrada en el castillo de Arévalo y llamando a gritos a un tal Don Álvaro (se supone que es Álvaro de Luna), al cual Juan II había hecho decapitar.

De niña Juana visitó a esta abuela cuya historia pareciera haber repetido; en tanto pasión, locura, encierro y muerte fueron los derroteros por los que fue su vida.

El Rey Fernando (el padre) descripto como malvado, trámposo, taimado, amoral, habilísimo, dicen que fue uno de los modelos en los que Maquiavelo se inspiró para escribir “El Príncipe”. 

Son estos algunos antecedentes familiares de Juana a la que sin poder tener los suficientes elementos para aventurar un diagnóstico clínico, tal vez podríamos pensarla como una neurótica grave —como en el “borde” de la neurosis (Heinrich)—.



Una neurótica con una historia donde hubo momentos de enloquecimiento y puntos de melancolización, donde la pasión, que no es privativa de una estructura clínica, la posicionó como una padeciente donde, por momentos, se borrraban sus límites como sujeto; llevándola a ese más allá... (del principio del placer) que es donde Freud situó a la pulsión de muerte o a ese resquebrajamiento del marco fantasmático donde se pierde un significado que pone en jaque la referencia significante Nombre del Padre y el sujeto “se pierde en los caminitos” de un goce donde no aparece la medida.

Y Juana caminó por estos andariveles, su vida, su historia o lo que de ella se relata dan cuenta de esto.

El tema de la pasión aparece en la filosofía, en la literatura y en la psiquiatría desde las psicosis. Tal vez por esto la diagnostica (Vallejo – Nágera) como ubicada en ésta estructura clínica.

Ya que la psiquiatría caracteriza a la pasión, en la paranoia desde la erotomanía, la celotipia y la reivindicación teniendo como elementos que la definen que son irresistibles, borran los límites del sujeto y poseen al sujeto que pasivamente “padece de pasión”.

Pero desde el psicoanálisis, dijimos, “la pasión” no es privativa de una estructura clínica por tanto están referidas a la condición misma de lo humano.

Al decir de E. Fernández “momento de detención final del deseo que ya no sería ni insatisfecho, ni imposible, ni prevenido, sino espejismo del deseo puro encontrando su objeto total y definitivo y por lo tanto realizándose en el ser”.

Continuando con Juana sus relatores dicen que:

A los 16 años la casaron con Felipe de Borgoña.

Como es de suponer, ella no conocía a su futuro esposo. La boda con Felipe fue uno de los enlaces que gestionaron los Reyes Católicos en su ambiciosa y “brillante” política matrimonial.

Juana partió, en 1496, camino a Flandes, se encontró con su futuro esposo en un convento cercano a Amberes; el tenía 18 años, pereciera haberse “prendado” al momento de verse. De hecho el enlace estaba fijado para cuatro días más tarde, pero Felipe hizo venir a un capellán para que los casara y poder así consumar su matrimonio.

Juana se deslumbró por este Felipe no tan hermoso pero deportista, amante de los torneos, los bailes y los juegos de pelota y habría que agregarle también que es descripto como “un vividor”.

Juana quedó en medio de intrigas e intereses, recordemos que el emperador Maximiliano, Luis XII de Francia y los Reyes Católicos, todos ellos, estaban enfrentados en impedir que alguno de los otros se hiciera demasiado poderoso, y todos intentaban convertirse en la mayor potencia, y a todos ellos les interesaba contar con la fidelidad de Flandes; precisamente el nuevo destino de Juana.

Los Reyes Católicos apremiaban a su hija para que atrajera a Felipe hacia las posiciones españolas, pero Felipe insistía en aliarse a Francia, que estaba en guerra con España por el control de Nápoles.

Pero Juana, aislada en Bruselas, dócil y enamorada, no era una buena agente para sus padres. Ella se plegaba a la voluntad de Felipe y se contentaba con vivir una vida “risueña”. Tuvo



enseguida una hija y se volvió a embarazar, gestaciones que no le impedían acudir y disfrutar de fiestas, a tal punto que su segundo parto tuvo lugar en una de estas fiestas, (dio a luz al que sería el emperador Carlos I).

Tras cuatro muertes encadenadas (que suponían el fracaso de la política matrimonial de los Reyes Católicos) Juana, por corrimiento sucesorio queda como heredera de los tronos de Aragón y Castilla:

Muere Juan (hermano de Juana), el heredero de los Reyes Católicos y su hijo póstumo nace muerto.

Fallece la infanta Isabel (hermana de Juana), durante el parto de un hijo que sobrevive dos años. Fallece el marido inglés de Catalina (hermana de Juana).

Tras estas muertes los Reyes Católicos decretan luto riguroso en toda la corte.

Y aquí empezó el derrumbe de Juana:

Felipe (su marido) viéndose como próximo soberano de España, es decir, anexando España al imperio austríaco, comenzó nuevas intrigas, ya que se preveía una muerte próxima: la de la Reina, que estaba muy enferma y Felipe no confiaba en que el Rey Fernando cediera la corona de la poderosa Castilla a su hija Juana. Y esto era realmente así.

Juana quedó atrapada en estas luchas.

La catástrofe en 1501, cuando Juana y Felipe viajaron a España para ser proclamados herederos al trono.

Los Reyes Católicos intentaron atraer a Felipe y aliarlo en contra de Francia, pero las preferencias de Felipe eran claras, no se alió a sus suegros.

Echo de su séquito a los partidarios de los Reyes Católicos y cerró filas con el Obispo Besançon, fiel defensor de Luis XII.

El Obispo murió repentinamente, Felipe supuso un envenenamiento y temiendo por su vida decidió salir de España.

Juana, embarazada de siete meses fue utilizada, una vez más, con el pretexto de su salud, su madre, hizo que insistiera a su marido a quedarse en España, pero Felipe, asustado, decidió que se quedara Juana hasta dar a luz.

De hecho, enojado con su mujer partió, luego de dos meses, de España.

Sus biógrafos escriben lo siguiente:

Juana “desolada” cayó en su primera gran depresión, una melancolía que la dejaba muda y como ausente...

Luego del parto se mostró más animada. Esto se debía a que su madre le prometió que una vez recuperada la pondría en los barcos para llevarla a Flandes.

Los meses pasaron y la promesa no se cumplió, Juana, enloquecida, pensaba que la habían secuestrado con la complicidad de su marido, al que imaginaba en Bruselas, engañándola con las damas de la corte. Ahora bien, ella estaba prácticamente secuestrada (ya que los padres no pensaban permitirle regresar a Flandes). Y de hecho su marido la engañaba.



Juana, internada en el Castillo de la Mota, virtualmente prisionera, no comía, no dormía, no se lavaba.

Recibe una carta de su marido que le pide que vuelva. Esto le prueba que no había complicidad con sus padres.

Juana, feliz, ordena prepararlo todo para el viaje.

El Obispo Fonseca la detiene en nombre de la Reina Isabel: tiene que recurrir a la fuerza, quitarle los caballos, alzar el puente levadizo y cerrar las puertas, porque Juana está dispuesta a irse aunque sea a pie.

Juana, reina de Flandes y heredera de los tronos de Aragón y Castilla, no tiene a nadie para ayudarle: es una prisionera.

Llora, grita, protesta y en noviembre se pasa en el gélido patio toda la noche sin abrigo.

Nuevamente sobrevienen raptos de ausencia y la embarga una gran tristeza.

Juana empieza a ser “la loca”.

Pensemos que entre muertes y embarazos, partos y esperas, han pasado casi dos años.

Dos años sin Felipe, separada de quien es depositario de esta pasión que por momentos desdibuja sus límites.

Felipe la manda a buscar. Juana, llega a Bruselas, él está cambiado, se había enamorado de una flamenca, una dama de la corte.

Sobrevienen escenas y ataques de celos, escenas que se repitieron con frecuencia y que

desencadenaron un ataque a la dama flamenca; esto sólo dio más elementos para tratarla como “loca”.

Juana, descubre una nota de su marido a la amante; y esta mujer con el poder que le daba el amor del Rey se atreve a enfrentarla.

Juana “enloquecida por los celos” se abalanza y le corta las trenzas y le marca la cara con las tijeras.

Felipe la engaña, la humilla, la encierra pero Juana “apasionada” por él padece este amor. Intenta reconquistarlo.

Felipe para justificar sus malos tratos encarga al tesorero de Juana (Martín de Moxica, que era leal, por entonces, a Felipe), que lleve un diario en el que debía anotar con detalle las anormalidades de Juana.

Pese a todo, como dijimos Juana intentaba reconquistar a Felipe y alterna las escenas de celos con todas las técnicas que se le ocurren de seducción. Recurre a extravagancias (dice Vallejo – Nágera), como maniobras de harén, que aprende de las moriscas de su séquito. (Extravagancias sería bañarse y perfumarse exageradamente varias veces al día).

Ahora bien ¿acaso es posible pensar que un psicótico “arma una escena de seducción” a pesar de toda la “extravagante” que pudiera parecer el modo?

Muere Isabel la Católica, Fernando utilizó (el diario de excentricidades) que le había enviado Felipe.

Juana se encuentra rodeada de intrigas, de probarse su locura el Poder pasaría a un regente,



su Padre, a pesar de los intentos de Felipe de disputarse este lugar.

Pero Felipe enferma gravemente, cuando éste muere después de “abnegados cuidados de su esposa” (Está embarazada de 5 meses. Bebía las medicinas previamente a dárselas a su marido pues temía ser envenenado).

Dicen que Juana no pareció inmutarse y a partir de aquí se disparó la leyenda de la “locura pasional” o de cómo la llamaron algunos biógrafos, se disparó “su locura de amor”.

Amor – pasión, entonces y de esta última se padece. Denis de Rougemont (“El amor y occidente”) describe a la pasión como “una amarga depresión, un empobrecimiento de la conciencia vacío de toda diversidad, una obsesión de la imaginación concentrada en una sola imagen y a partir de entonces el mundo se desvanece”.

Dijimos que es a partir de la muerte de Felipe cuando se dispara definitivamente la leyenda de la locura pasional de Juana, que venía teniendo como sustento el antecedente de este “amor - pasión irrefrenable” hacia su marido el mismo que generaba las escenas de “celos locos” que podrían hacer pensar en una erotomonía con rasgos celotípicos con lo cual quedaría del lado de la psicosis. Pero creo que es posible dudar de tal diagnóstico y que es posible pensar que era una “histérica loca”. Neurosis que quedaba, por momentos o en ciertas etapas, “suspendida”.

No se trataría de una forclusión fundante, es decir, del significante Nombre del Padre (esto remitiría a la psicosis) sino de la forclusión de un significante que al excluirse de la cadena la deja desposeída, padeciente, padeciendo lo real.

Ahora bien, ¿qué sucedió al morir Felipe?

A partir de este momento Juana quedó “impávida y sin derramar una lágrima” iba a verlo a Felipe todas las semanas al lugar donde lo había hecho desenterrara a poco de haber ocurrido esto, Felipe, mal embalsamado, era visitado por Juana que abría el cajón, desarmaba el sudario y besaba sus pies.

Cuando llegó la peste se vió obligada a salir de Burgos y se llevó el cadáver de Felipe y lo paseó durante dos años en sórdido cortejo por media España, marchando de noche durmiendo de día.

Penó al cabo de dos años sola y acosada, rodeada de espías (y acompañada patéticamente del cadáver de Felipe), su padre Fernando logra internarla en el castillo de Tordesillas. Juana tenía 29 años ya no saldría de allí.

Esta nos sitúa ante la imposibilidad de un duelo. Una imposibilidad que en tanto deja un “duelo en suspenso” no permite su tramitación

¿Cómo tramitar una separación con este objeto?

Freud en 1915 escribe “Duelo y melancolía” y M. Geréz nos sugiere leerlo Duelo y melancolía o Duelo o melancolía.

En la Melancolía (como psicosis) no hay objetos perdidos, no hay registro de la falta del Otro, por lo que no es posible realizar un duelo ni siquiera “patológico”.

En la neurosis el duelo supone algún punto de melancolización. Podríamos decir a falta de duelo – melancolización.



Ahora bien, ¿Qué sucede con una neurosis donde la fragilidad de su constitución la presentan permanentemente con momentos de "enloquecimiento"? Como sucede cuando lo que pierde es justamente aquel objeto que hizo de soporte y estabilizador mientras respondió (no olvidemos que Juana pierde a sus hermanos y a su madre) y quien la mantiene enmarcada es Felipe y este amor pasión que cuando falla (y siempre falla) la hace enloquecer. Juana, al morir Felipe no puede soportar lo que en el duelo se pone en juego, y es la privación.

En el duelo se es privado del objeto, hay un objeto perdido.

Ahora bien, el agujero de esta pérdida que provoca el duelo en el sujeto ¿dónde está? "Está en lo real".

Así como lo que es rechazado en lo simbólico reaparece en lo real, así también, el agujero de la pérdida en lo real moviliza al significante. Significante que no termina de poder articularse al nivel del otro, y es por esto que tal como sucede en las psicosis, comienzan a pulular imágenes por las cuales se revelan los fenómenos del duelo.

El ghost da cuenta de esto. Horroriza y sorprende y acompaña una etapa del duelo y se sostiene con otros fenómenos "elementales".

Pero esto no cesa allí donde no fueron realizados los ritos que exige aquello que refiere a la "memoria del muerto".

Defecto del rito significante que imposibilita "suspende el duelo" y con esto también "la neurosis queda suspendida".

En "Duelo y Melancolía", Freud se refiere a las distintas maneras de responder a la pérdida de

objeto; pero Freud encuentra que hay resistencia a retirar la libido del objeto.

Plantea, entonces, tres alternativas.

El duelo normal: en el cual, mediante un considerable gasto de tiempo y energía se prolonga psíquicamente la existencia del objeto. Es decir que gracias al trabajo del duelo, el objeto seguirá teniendo existencia psíquica. Y en este trabajo habrá que ir de la separación a la alineación tantas veces como sea necesario.

En la melancolía: en cambio, en una identificación con el objeto "la sombra del objeto que cae sobre el yo" coagula e impide toda posibilidad de duelo. No hay posibilidad de separación ya que estructuralmente no operó la metáfora que pudiera haberla posibilitado. La melancolía queda así del lado de las psicosis.

Y una tercera alternativa: que ni lleva al duelo normal ni a la melancolía y surge cuando la resistencia a retirar las cargas de la realidad llega a tal extremo que "el sujeto va a decidir conservar el objeto mediante una "psicosis alucinatoria de deseo" (y ponemos esto entre comillas, porque Freud usó como sinónimo "psicosis alucinatoria de deseo" y "locura alucinatoria" para referirse a la Amentia de Meynert. A esta Freud la describe definida por un lado en relación a la melancolía y por el otro con manifestaciones de locura.

Esto aparece en la obra de Freud en "Neuropsicosis de Defensa", "Lo inconsciente", "Adición metapsicológica a la interpretación de los sueños", "Duelo y melancolía" y "Esquema del psicoanálisis".

Y es éste el cuadro que soportaría Juana hasta su final.



Encerrada en Tordesillas (por su padre) los últimos 47 años de su vida. Coloca el féretro de Felipe en el monasterio de Santa Clara para que pudiera contemplarlo desde una ventana de Tordesillas.

Son variados los acontecimientos políticos que suceden durante esos años y en algunos de ellos Juana tuvo una pequeña intervención. Como cuando los comuneros a los que respaldaba, fueron a verla requiriendo su firma, pero ello se negó para ser fiel a su hijo Carlos I.

Esto fue el fracaso del movimiento revolucionario y el encierro y enajenación sin retorno de Juana.

Los restos de Felipe seguían sin ser sepultados. Juana, sin el recurso del rito, melancolizada quedó a merced de ese goce, más allá del principio del placer, donde se pierde la carretera y "las brujas empedernidas se ensuciaban en el agua bendita", impidiéndole toda práctica religiosa.

Muere soportando todo tipo de dolor físico y espiritual.

Rodeada de muerte y "acompañada de su muerto" termina su vida a los 77 años.

Tal vez para Juana hubo "en el cementerio propio demasiadas tumbas sin lápida" (M. Little).

María Ester Jozami
Psicoanalista. Dra en Psicología Social





Entrevista com Euzébio Ribeiro - Artista Plástico

O Artista Plástico Euzébio Ribeiro, residente desde criança em Barra de São João, nos honrou com essa entrevista.

Os links constantes da matéria são interativos e levam a outras notícias sobre o artista.

ReHum: Você abandonou a vida de comerciante, tradição em sua família, para se dedicar às artes. Como se deu essa mudança tão radical em sua vida?

E. R.: Eu entrei no mundo da arte por causa do desgaste emocional causado pelo que eu fazia. Fiquei mais de 30 anos me dedicando a restaurantes e bares. Já fiz um pouquinho de tudo em relação ao comércio e eu queria uma coisa mais tranquila que eu pudesse realizar sozinho. Daí resolvi pintar uma tela como teste — não deu certo, a tela ficou jogada lá — mas eu insisti.

ReHum: Mas você poderia ter escolhido outras áreas para se dedicar. Poderia ter pensado em música, dança e outras tantas coisas. Por que a pintura?

E. R.: Eu não gosto de movimentos repetitivos. Para dançar e fazer música é preciso repetir e eu não percebo a pintura desse jeito: são milhões de possibilidades, de imagens... o novo é novo todo dia, você que cria... cabe no seu gosto. Você inventa seu arranjo e joga a emoção na tela... tem uma magia... uma sensação maravilhosa.

"Estou fazendo arte, sou um fazedor de arte, sou um criador"

Euzébio Ribeiro

ReHum: Você teve alguns quadros censurados e algumas censuras vieram a público. Fale um pouquinho sobre elas.

E. R.: Eu estou até me considerando “o censurado”. A primeira censura foi até bem comentada. Houve uma exposição na Assembleia Legislativa de São Paulo , a “Olhar 2018”, e eu participei com dois quadros: um deles foi o “A luxúria”. Ao ver o quadro, a jornalista Mônica Bergamo começou a tomar notas e então os organizadores viraram o quadro de cabeça para baixo.

OLHAR 2018

A EXPOSIÇÃO DE ARTE DO ANO!!

Local: Hall Monumental da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

Avenida Pedro Álvares Cabral, 201
Ibirapuera - São Paulo/SP

Periodo: 27/11/2018 a 06/12/2018
Vernissage: 27/11/2018 - às 19:00 h
Cerimônia de premiação no auditório
Paulo Kobayashi

ACACIO AROLICHE - SÃO PAULO/SP
ADRIANO VIEIRA - SÃO PAULO/SP
ALICE ROMERO - SALVADOR/BA
ALTAY FERREIRA - SÃO PAULO/SP
ANTÔNIA CELIA - BRASÍLIA/DF
ANTÔNIO VIEIRA - SÃO PAULO/SP
BIA BLACK - SÃO PAULO/SP
CHRIS BRAGA - SÃO PAULO/SP
CHRISTIANA VIEIRA - SÃO PAULO/SP
CÍCIA MORA - SÃO PAULO/SP
CINTIA PI - GOIÂNIA/GO
CLAUDIO VIEIRA - RIO DE JANEIRO/RJ
DILSON RAMOS - SÃO PAULO/SP
ELIANA CARVALHO - PARACAP/SP
ELTON VIEIRA - SÃO PAULO/SP
ELTON VIEIRA DE ASSIS - RIBEIRÃO PINTO
GARY ALVES - SÃO PAULO/SP
GILBERTO VIEIRA - SÃO PAULO/SP
GONÇALO BORGES - SÃO PAULO/SP
H. PESSOTO - SÃO BERNARDO DO CAMPO
HELEANEY BENATTI - SÃO PAULO/SP
HENRIQUE VIEIRA - SÃO PAULO/SP
HJOTHA - SÃO PAULO/SP
JOSEPHETRA MUSSARA - SÃO PAULO/SP
KETO KAS - RIO DE JANEIRO/RJ
KLAUS - SÃO PAULO/SP

LAURO MARTINETI - SÃO PAULO/SP
LUCILDA RODRIGUES - DAPOSSO ANDRÉS/SP
LUCILINA RAMALHO - SÃO PAULO
MÁDIA PERLINGER - BRASÍLIA/DF
MARINA DO CARMO - SÃO PAULO/SP
MARIA LARISSA ARCOVERDE - JUNDIAÍ/SP
MONTEIRO D' BARROS - RIO DE JANEIRO/RJ
MYAC - SÃO PAULO/SP
NATÁSIA VIEIRA - SÃO PAULO/SP
NEUS BARBOSA NETO - UBERLÂNDIA/MG
NIURA TORRENTS - SÃO PAULO/SP
NUNO VIEIRA - SÃO PAULO/SP
RAFAEL FAZOLON - SÃO CARLOS/SP
REGINA MENDES - UBERLÂNDIA/MG
REGINA VIEIRA - SÃO PAULO/SP
RITA HENRIQUE - SÃO PAULO/SP
ROF - ROSANA FERREIRA - SÃO PAULO/SP
ROSA VIEIRA - SÃO PAULO/SP
ROSILY VIEIRA - RIO DE JANEIRO
SHAMBUY WETU - SÃO PAULO/SP
SILVIA VIEIRA - SÃO PAULO/SP
SOCORRO MATA - BRASÍLIA/DF
STELA MEDEIROS - PORTO ALEGRE
VICENTE MACADÃO - SÃO PAULO/SP
WANDERLEY BARRANCO - OSASCO/SP

Realização



CIA ARTE CULTURA
www.ciaartecultura.com.br

Informações: 11 2338 5516 / 98571 1766

ReHum: Por que fizeram essa interferência? O quadro apresentava algum conteúdo político?

E. R.: Sim!! “A luxúria” é um quadro que compõe a série “Os sete pecados capitais” que eu estava pintando. Nele estão representados personagens com corpo de gente e cabeça de bicho em plena suruba, entre eles um com cabeça de tucano —símbolo do PSDB—.

ReHum: E certamente o “tucano” não estava na situação mais confortável nessa suruba, certo?.

E. R.: (risos) Estava de quatro, na verdade. Então viraram o quadro de cabeça para baixo para ele



passar despercebido. Depois ele foi retirado mesmo. Foi censurado.



A luxúria de Euzébio Ribeiro

ReHum: Então virou notícia!

E. R.: Sim!! A notícia foi publicada na

Folha de São Paulo  , no *G1*  e no *Metro* .

ReHum: Encontramos publicações também na

Forum  e na *TudoUP*  , além do carinhoso e político manifesto “O Regresso do Egresso” no *KZPost* .

ReHum: E a segunda censura? foi em São Paulo também?

E. R.: Não. A segunda foi na minha cidade, em Barra de São João. Aqui tem o Museu Casa de Casimiro de Abreu —maravilhoso—, onde muitas exposições acontecem contando com artistas locais. A Prefeitura, que administra o museu, criou o Prêmio Poeta Casimiro de Abreu, eu me inscrevi e fui contemplado com o valor de cinco mil reais, que me possibilitaram comprar o material para desenvolver meu projeto: uma escultura em homenagem a Chico Tabibuia. 

ReHum: A obra do Chico Tabibuia é caracterizada por um grau de erotização, não é?

E. R.: Sim! Sim! Ele mesclava uma arte erótica com a representação de Orixás. Fazia uma conexão entre esses dois campos.

ReHum: Então esse trabalho foi inspirado na obra do Tabibuia.

E. R.: Sim! Foi inspirado na obra dele. Eu queria fazer uma homenagem a esse grande artista daqui de Barra de São João. A peça ficou linda! maravilhosa! ficou uma escultura bacana. Foi feita com o aproveitamento da madeira de uma árvore derrubada na Beira Rio. Eu nunca tinha feito uma escultura em minha vida. Seu nome é “Madeira de Chico.”

ReHum: Você tem uma imagem da “Madeira de Chico”?

E. R.: Tenho! Imagem e a própria peça. Ela está em minha casa. A exposição foi nesse ano, agora em 2021.

ReHum: Mas houve uma censura. Ela foi censurada por qual motivo? Sofreu qual tipo de censura?

E. R.: A Secretaria de Cultura do Município disse que a cidade é muito conservadora e que por isso não tinha condições de expor a minha escultura no Museu Casa de Casimiro de Abreu. Fato que me causou espanto, uma vez que o museu conta com obras do próprio Tabibuia.

ReHum: O que há de tão chocante em sua escultura que mereceu esse tratamento por parte da Secretaria Municipal de Cultura?

E. R.: A escultura, como boa parte das esculturas do Chico Tabibuia, conta com a exposição de órgãos sexuais. Nada excepcional, tanto que o



restaurante “O Caiçara”  promoveu a exposição de minha escultura e foi um sucesso. Lá estavam famílias, senhores, senhoras e crianças e ninguém ficou escandalizado.

ReHum: Sinal de que os governantes e que são conservadores e para se justificarem atribuem à cidade essa característica, não é?



Madeira de Chico de Euzébio Ribeiro

E. R.: É!! (risos) Agora estou criando outro projeto, mas nada erótico (risos).

ReHum: Vai dar um tempo!! (risos). Quer parar de ser censurado? Fale desse novo projeto.

E. R.: Eu estou pintando Barra de São João. Minhas pinturas se caracterizavam até então por apresentarem rostos e expressões humanas. Agora quero me dedicar às paisagens.

Desde que comecei a produzir arte eu consegui manter as minhas obras sobre o meu domínio. Nunca vendi nenhuma peça, nenhum quadro. Me dedico hoje em dia a montar uma casa de cultura aqui em Barra de São João, meu espaço

cultural. Quero um lugar para manter minha obra em exposição permanente.

ReHum: Um lugar onde você possa expor suas obras sem censura (risos)

E. R.: Sim! Um lugar bem bonito, onde as pessoas possam entrar e se sentirem bem.

ReHum: Sucesso e parabéns.

Euzébio Ribeiro
Artista Plástico





Universalização do Gozo e Laços Precários

“Por falta de repouso nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo”. NIETZSCHE, F. Humano, demasiado humano.

A citação de Nietzsche (1878) encontra-se no livro *Sociedade do Cansaço* (2010), onde o filósofo Han Byung-Chul comenta a tragédia de se viver na atualidade e suas consequências.

Meu desejo de escrever sobre o tema surgiu a partir do incômodo com certo uso que estamos fazendo dos objetos oferecidos pela sociedade capitalista, somado a uma boa dose de indignação com o que entendo como retrocesso na política atual do nosso país e a interrogação sobre os limites e possibilidades da psicanálise nesse campo.

Quase que por um desses acasos da vida, que não são tão acasos assim, já que andava debruçada sobre o tema, me deparei com esse pequeno livro do filósofo coreano, que se fixou na Alemanha e hoje é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim. Percebi ali em *Sociedade do Cansaço*, que havia uma possível conversa do filósofo Han com a psicanálise e seguindo sua orientação, me dediquei a ler também Nietzsche em *Humano, demasiado Humano*. O que apresento aqui é um resultado parcial dessas leituras e algumas reflexões à luz de Freud e Lacan.

Cada época tem suas enfermidades fundamentais, sendo a sociedade pós-moderna dominada por doenças como TDAH e depressão, as quais Han chama “neuronais”, em contraposição às doenças infecciosas, predominantes no passado. Ainda que seja necessário lembrar que se

trata de uma análise filosófica, onde chama “neuronal” um adoecimento que é psíquico, certamente Freud e Lacan concordariam com ele em diversos aspectos.

Os adoecimentos do século XXI são estados patológicos devidos a um “excesso de positividade” criada pela “sociedade do desempenho” (da tecnologia, dos selfs, da estética, das academias, laboratórios de genética...) onde o homem se transforma em sujeito de desempenho e produção, empresário de si mesmo, levando ao “esgotamento, a exaustão e o sufocamento frente à demasia”. Enquanto a “sociedade disciplinar” da época de Freud, “fruto de uma negatividade”, movida pelo dever e pela obediência, gerava “loucos e delinquentes”, a atual produz hiperativos, depressivos e “fracassados”.

Apoiado em Nietzsche e também em Hegel, Han mostra que o esforço exagerado em maximizar o desempenho, afasta a negatividade, pois esta atrasaria o processo de aceleração. Entendendo-se aí “negatividade” como força que mantém viva a existência, uma potência de não fazer distinguindo-se da mera impotência ou incapacidade de fazer alguma coisa.

“A negatividade do não-para é também um traço essencial da contemplação”. Um processo ativo de busca do vazio, que nos possibilita libertar daquilo que se impõe. É preciso o tempo de parar de fazer. Se só houvesse a potência positiva de fazer algo, estaríamos expostos de forma totalmente passiva aos objetos e cairíamos numa “hiperatividade fatal”. A hiperatividade é, portanto, uma forma extremamente passiva de fazer.

O novo mandato da sociedade, com o objetivo de maximizar a produção, transforma o sujeito em “animal laborans”, hiperativo e preso a uma verdadeira auto-exploração, “cada um carregando consigo seu campo de trabalho”.



Somos todos, a um só tempo, “prisioneiro e vigia, vítima e agressor, explorando-nos a nós mesmos”.

O que a psicanálise tem a dizer sobre isso?

LACAN em 1953 já dizia que “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”, lembrando Freud, que pensava a neurose como uma resposta do sujeito às exigências da cultura. A psicanálise é sim prática do um a um, mas justo por isso, implica pluralidade, livre expressão. Portanto, não pode manter-se à margem das mudanças impostas pelas novas formas de gozo da civilização. A experiência analítica é um laço social, um tratamento que propõe elucidar a relação do gozo, trabalhando a relação que o sujeito tem com a linguagem, com os significantes mestres que determinam suas modalidades de laço social e neste sentido tem seu alcance político, revelando que o sintoma é um gozo que se presentifica, que há um real impossível de universalizar.

Podemos seguir com Lacan em 1974, quando diagnosticou o mal-estar da modernidade como o produto do discurso capitalista. O empuxo à universalização dos modos de gozo na sociedade capitalista, com os produtos mais utilitários postos no mercado, produz sujeitos insaciáveis em suas demandas de consumo e colocando a “*mais-valia*” no lugar da causa do desejo, transforma cada um num explorador em potencial de seu semelhante, *sujeitos parceiros prontos-a-gozar*, acabando por negar a subjetividade. O discurso dominante visa sobrepor o mercado à sociedade, estimulando a competitividade, funcionando também como facilitador da agressividade que nos é inerente.

Em 2010, Han continua falando dos efeitos do “hipercapitalismo”, que dissolve a existência humana numa rede de relações comerciais, arrancando sua dignidade, mostrando que a exploração hoje é muito mais cruel, “pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade”.

Puro engodo, pois esta sociedade não tem nada de livre, já que o próprio senhor se transformou em escravo de si mesmo.

A depressão, doença do século, seria a expressão do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo e também reflexo da “carência de vínculos” inerente à sociedade, surgindo “no momento em que o sujeito do desempenho não pode mais poder”. Segundo ele “a lamúria do depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível”.

“Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades se apresentaria como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo.” Por incrível que pareça, esta é uma citação de Freud em *Mal-estar na Civilização*, que cabe muito bem nos dias de hoje, onde o lema é: Você quer, você pode. Sim, o desenvolvimento da civilização impõe restrições à liberdade do indivíduo, que precisa contribuir com o sacrifício de suas pulsões para não ficar à mercê da força bruta. Isso exige um esforço. Podemos dizer também com Lacan que o sujeito do desejo está submetido à castração, que nos impede um gozo absoluto. Esta é a dimensão do impossível.

Em 1974, Lacan apontava o quadro depressivo como falta ética do sujeito, uma “covardia moral”, pois este se recusa a zelar pelo grau de tensão necessária para situar a causa que o determina. Desistindo de bancar o próprio desejo, permanece desorientado, sem vontade, sem ação, paralisado. Em 1958 ele já dizia que a “satisfação da necessidade aparece como o engodo em que a demanda de amor é esmagada, remetendo o sujeito ao sono em que ele frequenta os limbos do ser”.

Seria exagero deduzir que a sociedade pós-moderna alimenta esse limbo, quando tenta suprimir a falta, sufocando o desejo e criando uma



série de deprimidos, engasgados com os objetos e exigências de desempenho, tudo querendo e nada desejando? Não seria o hiperativo o protótipo do desempenho, enquanto o depressivo a expressão do isolamento, da deterioração dos laços?

Segundo Han vivemos hoje num mundo muito “pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios”, isto é, nos falta contemplação, tempo de reflexão, capacidade de admiração. O empuxo à aceleração geral não admitindo folga temporal, encurta o futuro numa atualidade prolongada. Aparentemente tem-se tudo, mas nos falta o essencial, já que a proliferação e a massificação das coisas tenta expulsar o vazio. “O mundo perdeu sua alma e sua fala”. Falta aos sujeitos a “negatividade”, que permitiria olhar para o outro.

Apesar de revelar uma visão um tanto catastrófica da sociedade, termina dizendo que já está na hora de transformarmos “a casa mercantil” novamente numa “casa de festas” onde valha a pena viver. Faz menção aqui à arte originária, que era para Nietzsche arte da festa, obras de arte sendo expostas na “grande rua festiva da humanidade”. A arte como testemunha de momentos supremos de uma cultura, sinais de memória, monumentos do “tempo de celebração”. Não seria à toa, que se tenta calar um povo tirando seu espaço público, seu tempo de contemplação e convivência, destruindo sua arte, sua história, não é mesmo?

O retorno à “casa de festas” não seria uma boa metáfora para nossa aposta na cultura, o investimento na arte e no fortalecimento dos laços?

Em o *Mal-estar na civilização*, Freud apontou o relacionamento com os outros homens como a causa de maior de sofrimento do homem, devido à nossa tendência agressiva, sendo um obstáculo à civilização. Um pouquinho antes, em *Futuro de Uma Ilusão*, ele dissera que é justamente por conta dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização,

a qual se destina a tornar possível nossa vida em sociedade. O elemento da civilização entra em cena como a tentativa de regular a maneira pela qual os relacionamentos mútuos dos homens, seus relacionamentos sociais, “que afetam uma pessoa como próximo, como fonte de auxílio, como objeto sexual de outra pessoa, como membro de uma família e de um estado.” Se não houvesse essa tentativa, os relacionamentos ficariam sujeitos à vontade arbitrária do indivíduo e o homem mais forte decidiria tudo no sentido de seus próprios interesses e pulsões. “A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder da comunidade é estabelecido assim, como ‘direito’, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como ‘força bruta’.” Este foi o passo decisivo, sendo a justiça a primeira exigência da civilização, a garantia de que uma lei, que uma vez criada, não seja violada em favor de um indivíduo sequer.

No entanto, Freud também nos ensina que o efeito humanitário do grupo é sempre parcial, pois há também um efeito segregador com desprezo pelos que não seguem as mesmas normas e padrões, nos afastando daquele que vemos como rival.

O psicanalista acolhe o mal-estar atual decorrente da fragmentação e instabilidade crescente dos laços sociais, que deixa os indivíduos mais expostos à precariedade e à solidão. Ocupando na clínica o lugar de objeto causa de desejo, ele não pode oferecer felicidade, nem mesmo prever que “resto” surgirá após cada sujeito se deparar com seu modo de gozo. No entanto, a ética da psicanálise e o desejo do analista pressupõem abrir um espaço de escuta, um hiato nas significações, onde dizendo o nada, faça surgir o real, o vazio. Não é justamente a tentativa de contornar o vazio, que permite ao



sujeito ir em busca de novas modalidades de laços sociais?

NIETZSCHE (1878), em *Humano, Demasiado Humano* nos diz: “quem adivinha ao menos em parte as consequências e angústias do isolamento, a que toda incondicional diferença do olhar condena de quem dela sofre, compreenderá também que para me recuperar de mim, como para esquecer-me temporariamente, procurei abrigo em algum lugar – em alguma adoração, alguma inimizade, leviandade, científicidade ou estupidez.” Reforça ainda, que usava o artifício de criar poeticamente o que procurava, mas o que sempre necessitou foi a crença de não ser tão solitário, “uma mágica intuição de semelhança e afinidade de olhar e desejo, um repousar na confiança da amizade, uma cegueira a dois sem interrogação nem suspeita...”

Qualquer semelhança às relações às quais andamos assistindo nas redes sociais, ou grupos que se uniram para apoiar este ou aquele candidato, esta ou aquela ideologia política, não será mera coincidência. Não é difícil encaixar o sentimento de Nietzsche na situação que estamos vivendo hoje e imaginar que os sujeitos desorientados de seu desejo, encontrem abrigo naquilo que parece lhes oferecer um descanso mais imediato para suas dores. Não é à toa, que justamente nesses momentos de fragilidade apareçam os salvadores da pátria tão adorados e que a estupidez possa imperar.

Caberia aqui a questão se o psicanalista deve se posicionar politicamente e se opor à estupidez no social?

Referências Bibliográficas:

- FREUD, S. (1927) O Futuro de uma Ilusão. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- _____. (1930) O Mal-Estar na Civilização. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- HAN, Byung-Chul. (2010) Sociedade do Cansaço. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- LACAN, J. (1953) Função e Campo da Fala e da Linguagem. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- _____. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- _____. (1974). Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- NIETZSCHE, F. (1878) Humano, demasiado humano. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

Artigo apresentado na Jornada de Psicanálise em Niterói : A Psicanálise na Era dos Laços Precários Fórum do Campo Lacaniano de Niterói EPFCL-Brasil. Em 08/12/2018

Mariangela Bazbuz

Psicanalista





[P]és

Foi pelos pés que ela o fisgou. Não, verdade seja dita: o primeiro encanto surgiu pelas fissuras que ela provocou em sua alma quando abriu as gavetas do seu coração e lhe contou histórias de amores remendados.

Mas ela abriu as gavetas com os pés. Então, foi pelos pés que chamou sua atenção.

Naquela noite eles estavam especialmente bonitos. “Será que ele vai notar?” – ela pensou. “Será que ela vai mostrar?” – ele duvidou. Combinaram de ver as estrelas e beber angústias em vagarosas doses. Talvez a lentidão do relógio fosse capaz de estender a bebedeira e levá-los até o encontro de suas almas transparentes, do mesmo jeito que o rio encontra o mar ou a boca encontra os pés. Foi pelos pés dela que ele encontrou o norte, o sentido e a perdição, enquanto ela desenhava na areia, descalça, labirintos que ele percorria de olhos fechados. Ambos se perderam e nunca estiveram tão felizes por não encontrarem uma saída.

Quando começaram a dançar em descompasso com as ondas, ele notou. Notou os contornos, o esmalte, as veias e as lembranças sobrepostas naqueles pés. “Vem, vou te mostrar minhas estrelas favoritas” – ela disse, já deitada na areia. Ele não teve tempo de retrucar, pois todos os seus sentidos se fixaram nos pés que apontavam constelações. Foi através dos pés dela que ele enxergou clarões e ouviu cantigas esquecidas no fundo da sua memória de menino que tinha medo de machucar os pés. O menino não fazia ideia, mas seu verdadeiro medo era o de nunca encontrar aqueles pés. Ela achou graça quando viu uma lágrima escorrer e limpou com o pé esquerdo aquela que era a forma dele agradecer por estar ali, aos seus pés. Ela mostrou não só os pés, mas

todas as pegadas rabiscadas no seu peito, no seu ventre, no meio das suas pernas. Foi pelos pés que ele começou a desnudar aquela alma até explodir cometas dentro dela, deixando um rastro de suor e areia pela noite iluminada.

Quando as estrelas se apagaram ela passeou sobre o corpo dele com os pés descalços. Ele podia sentir o peso de cada passo e pensou em lamber aqueles pés novamente, mas abriu os olhos e a claridade iluminou o quarto vazio. O menino solitário estendeu sobre si o velho lençol de sonhos, pois ainda tinha medo de machucar os pés.



Van Gogh. Noite Estrelada, 1889

Patrícia Torres¹
Escritora e Professora



¹Professora de História, Mestre em História Social, formanda de Letras e Escritora. Autora de *Com gosto de pólvora e vodka* (2015) e *Eu sou a santa do meu próprio altar* (2021)



Quando tem que acontecer

Só conheciam as vozes, um do outro. Uma ligação por engano – ele para a casa dela – fez com que os dois se ouvissem. E gostaram do que ouviram.

Ele realmente se enganou, desacostumado que estava dessas ligações em telefone fixo. Precisou atender a um pedido de retorno na secretaria eletrônica. Pôs números a mais? Trocou pares por ímpares? Foram números a menos? Não sabe. Já não quer mais saber. Ela atendeu, e pronto.

Ela ainda pede desculpas pela forma rude com a qual atendeu à chamada dele: “O que é, agora?”, disse, com tom firme, pensando ser, novamente, ligação de outra pessoa. Ele prontamente desculpou-se, identificou-se e, tendo percebido o equívoco, sugeriu desligar o telefone. Ela, envergonhada, desculpou-se (ali foi a primeira vez) e sorriu. Ele retribuiu o sorriso. Pediu que se acalmasse. E, quando olharam o relógio, estavam conversando fazia alguns minutos!



<https://www.artmajeur.com/pt/joaz-silva-1/artworks/10017319/telefone-da-lata>
Era noite. Desligados os aparelhos, os dois, simultaneamente, respiraram, sorriram de si mesmos, estranharam o acontecimento, levantaram-se do sofá e, enquanto jantavam o que havia no micro-ondas, tentavam imaginar a figura do outro da voz bonita...

Mas o pensamento não os deixou à mesa da cozinha. Há muito não conversavam com alguém

tão agradável. Quanta coincidência! Que coisa mais esquisita! E, duvidosos – e estranhamente alegres – adormeceram em suas camas grandes demais para o tamanho de sua solidão.

Falaram-se durante toda a semana. Sempre no mesmo horário: às 20h15, aquele mesmo horário da primeira ligação. Mas já não se tratava de engano algum: era Carlos que ligava para Ana. Ou Ana, que surpreendia Carlos, discando primeiro.

Com quantos anos de idade se apaixona? Sim, aquele amor bobo, de tremer o corpo ao ouvir um “alô” (como era costume dele) ou um “pronto” (como era costume dela)? Carlos já havia passado dos cinquenta anos. Ana tinha exatamente quarenta e seis. Ao final daquela semana, tendo sonhado, os dois, com as possibilidades do que seria o outro, tendo ouvido no rádio do carro as músicas que o outro sugerira, tendo perdido a hora no banho, nos sonhos, no café, à mesa da cozinha, no sofá depois de terminada a conversa, começaram a pensar nisto: em estarem apaixonados, um pelo outro. Coisa boa!

As conversas foram, pouco a pouco, tomando consistência: Carlos começou a confessar a ela das vezes em que o café esfriava sobre a mesa, das distrações ao volante – que perigo! – da sua curiosidade em saber como ela era. Ana retribuía-lhe o carinho da confissão: revelou pensar muito nele, também. Disse que acordava e dormia ao som da sua música preferida. Carlos sugeriu, então, um encontro.

Do outro lado da linha, uma Ana muda. Fingiu ter caído a ligação. Colocou o fone no gancho: “ele quer me conhecer”, pensou.



Ana já conhecia bastante de Carlos. Sabia que ele malhava na mesma academia de uma amiga dela (eles moravam a trinta quilômetros de distância, um do outro), que cuidava do corpo, que se alimentava bem. Carlos parecia ser, verdadeiramente, um homem bonito, elegante. Ela já havia dito a ele que não ligava para essas coisas, que estava acima do peso, que era descuidada em sua alimentação. E, diante do convite para conhecêrem-se de fato, titubeou.

Até que ouviu o alarme de recado na secretária eletrônica. Era um recado dele, de Carlos: “Ana, quero o encontro, porque estou apaixonado por você. Mas respeito sua decisão. Durma com Deus.”

Ana afogou-se no meio das almofadas do sofá da sala. Chegou a hora devê-lo de perto, de sentir seu cheiro. Ria, roía as unhas, olhava-se no espelho. Não, aquele não era o século vinte e um. Não, aquela história... Se contasse, ninguém acreditaria! Beliscou-se, com infantilidade: estava viva. Sim, estava viva, estava apaixonada – completamente apaixonada – e era correspondida!

Dentro de casa, na pequena sala onde só cabia o sofá e a mesinha do telefone (para que mais?), pôde ter quinze anos outra vez: fechou os olhos e arriscou abraçar Carlos. E beijou-lhe o rosto, ainda que sua intenção fosse outra. Até que o apito da chaleira a acordou daquele sonho, que estava mais para plano de ação. Foi para a cozinha, preparou e tomou seu chá preferido, ajeitou-se na cama e dormiu.

Manhã de quinta-feira. Ana levantou-se num pulo só. E fez as contas do tempo que restava para ter Carlos ao telefone, novamente. Já não quer mais dominar-se: quer o encontro. Quer sentir o perfume de Carlos e tentar adivinhar qual é (Ana é boa nisso).

Carlos olhava-se no espelho, duvidoso entre fazer ou não a barba. Olhava os dois vidros de perfume sobre a bancada e decidia qual usar no sábado. Tentava imaginar a roupa que Ana usaria para o encontro, certo de que ela diria “sim”, que aceitaria o convite. Olhou o relógio e fez as contas do tempo que restava para ter Ana ao telefone.

O dia e a tarde se passaram arrastadamente: cada minuto contado, desatenção total no que se tinha que fazer aquele dia. Troco esquecido no jornaleiro da banca perto da casa dele, e no restaurante onde ela almoça. Quem lembraria? Quem estaria pensando noutra coisa, senão um no outro?

Carlos, a caminho dos cinquenta e um anos de idade, é um menino nervoso, ansioso e inseguro. Ana, aos quarenta e seis, está com taquicardia. Amor!

Não preciso dizer que às 20h15 o telefone dos dois dava ocupado. Ela resolveu esperar um pouco, e foi só colocar no gancho, que tocou. Ela disse “pronto!”, ele disse “oi!”, ela respondeu “onde, e a que horas?” ... Marcado o encontro, então, para a noite daquele sábado.

A sexta-feira não existiu. Havia combinado de não se falarem aquele dia. Emoção acumulada – propositadamente? – para o momento de estarem pessoalmente um com o outro. Ana nem se lembra se trabalhou, aquele dia. Não lembra o que vestiu, o que lanchou, que chá tomou antes de ir dormir. Carlos não sabe com quantas pessoas esteve. Só se lembra de uns berros de uns motoristas nuns carros próximos ao seu, no trajeto de ida e volta para casa. Acha que fez algumas “barbeiragens”, perfeitamente perdoáveis, bem sabemos.

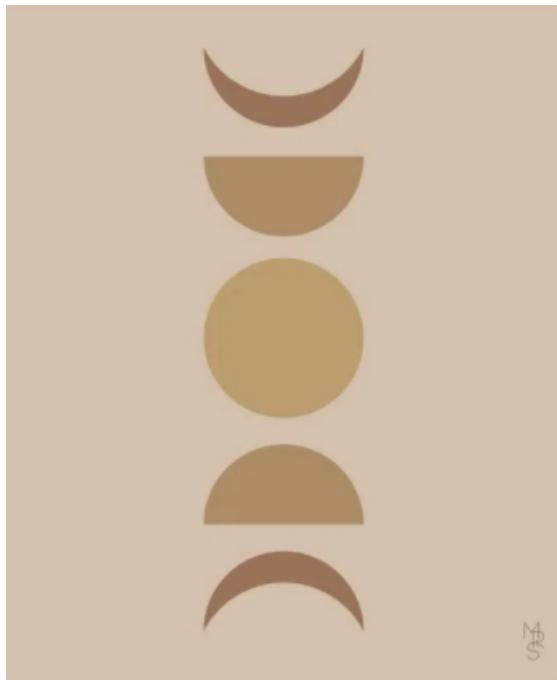
Quando Ana chegou ao restaurante, Carlos havia reservado a mesa: próxima da varanda, de onde se



podia ver, ainda, o sol se pondo. O que Ana viu foi meio luz, meio Carlos. Ana gostou do que viu.

Percebendo Ana se aproximar da mesa, Carlos viu meio luz, meio Ana. E Carlos gostou do que viu.

Aquele sol se pondo fez a interseção do encontro dos corpos do casal apaixonado. E pôs-se a tempo, para que a lua viesse, e terminasse o serviço de lhes embalar a noite. Carlos era, realmente, um belo homem: alto, esguio, de ombros retos e mãos grandes. Ana estava ainda mais bonita – porque feliz – com o novo corte de cabelo que havia experimentado.



<https://www.urbanarts.com.br/quadro-abstratos-boho-art-lua/>

Olhando Ana a falar nervosamente, Carlos não a interrompia. Naturalmente homem, reparava-lhe as curvas. Sim, Ana estava acima do peso. E ele nunca tinha estado com uma mulher tão interessante e bela! Podia fechar os olhos, já. Já a tinha decorado: linda, Ana! Ela falava, enquanto Carlos agradecia a Deus por ter esperado por ela.

Carlos falava pouco. Ana já lhe adivinhara o perfume. Ria em pensamentos. E agradecia a Deus por estar diante daquilo tudo que ela sempre

desejou ter, bem diante dos seus olhos. Agradecia por ter esperado por ele.

Quando tem que acontecer, acontece. Só conheciam as vozes, um do outro. Agora, estavam ali. A lua perdeu a hora, velando os dois. O céu movimentou-se, para que o sol tomasse o seu trono de rei, novamente. O garçom fez uns barulhos estranhos, para que aqueles dois percebessem que o restaurante estava fechando. Já era domingo. Sorriram para o garçom, Carlos pagou a conta. Era hora de cada um ir para a sua casa e esperar o telefone tocar, às 20h15.

Karla Pontes
Professora e Poeta





Verdugos Pacificadores



Futuro?

Verdugos Pacificadores.

Bestas! Téticas, fétidas.

Impunemente, compulsivamente. Bingo! Justiça burguesa.

Necropolítica. Favelas, quebradas, carros da linguça, valas.

Condição, contexto, putrefação.

Terrorismo de Estado, canarinho ou encarnado, destro ou canhoto!

Futuro?

Dor! Porrada!

Na fuça, cotidianamente.

Futuro?

O Povo?

Tradição. De corte, escovado, esculachado.

Bala de borracha pra cegar e matar. Professor, estudante e aposentado.

Futuro?

Mesa posta! Engole, porra! E seja grato por esta ceia, bosta!

Dor, porrada. Verdugos Pacificadores. Bestas!

Democracia securitária na fuça. E, nós, de corte.

Compulsivamente.

Futuro?



Renato Zanata Arnos¹

Trovador Cáustico



¹ Niteroiense, 55 anos, ex-professor de História, músico e trovador cáustico. (Fotografado por Adriano Moreira)



Estar confortável

Quando criança, sei lá por volta de que idade, entrei a cultivar um hábito peculiar. Não digo singular, único, pois percebi que não me cabia constrangimento por não estar sozinho neste particular. Não me agradavam sapatos novos, preferia-os velhos, laços, já afeitos às formas dos meus pés de moleque. Sendo o segundo filho, recebia-os de herança. Tive sorte, o mais velho era menino quieto, apaixonado por televisão e quadrinhos. Além de possuir pés magros, direitos. Então, os pisantes vinham quase no ponto, já amaciados, precisando apenas de alargamento e um desbotado elegante.



O par de sapatos - Vincent van Gogh

Naquele tempo, no século passado, os meninos certinhos engraxavam os sapatos e os tinham sempre brilhando. Meu velho até que me ensinou direitinho. O que o deixou confuso foi ver que eu manejava bem a graxa, a escova e a flanelas, mas nunca aplicava tal saber sobre meus próprios calçados. Como o velho é boa praça, não implicava muito.

Um dia, na escola, Tabajara, meu arqui-inimigo, percebeu que um de meus sapatos estava com a sola furada. Deu um jeito de roubá-lo e começou uma brincadeira que, na época, chamávamos de “barata avoa”. Jogou o sapato para outro menino gritando, “barata avoa!” O menino, no caso Dico, jogou para outro repetindo o grito. Assim, meu sapatinho preferido voou por todo o pátio da escola. A brincadeira foi esfriando e parando ao passo que eles perceberam que eu me divertia tanto ou mais que todos. Quando enfim recuperei o meu velhinho, calcei-o saudoso e confortável. Usei-o por muito tempo e usaria mais se minha mãe não tivesse sumido com eles.



Camiseta Hering branca e velha para dormir, manhãs de sábado, uma xícara de café fresco com pão francês cheio de manteiga, cama limpa, feijão carregado, abraço de amigo..., para mim, traduzem conforto. Custei a entender o que meus pais queriam dizer com “você precisa trabalhar muito pra ganhar dinheiro e ter conforto”. No início, ao ouvir tais palavras, ficava muito confuso. Não havia nada mais confortável para mim do que estar sob o sol, usando somente um short velho, meus sapatos bem rotos, ou, melhor ainda, descalço.

Precisei envelhecer e ver muitas vezes crianças brincando satisfeitas com as caixas vazias ao invés dos brinquedos para perceber o quanto estava certo lá na infância.



Luiz Cláudio B. de Magalhães¹
Mestre em Literatura Brasileira,
Poeta e Professor.



¹ Vulgo: Kbça. Mestre em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura pela UFF. Especializado em Língua Portuguesa pela UFF. Bacharel em Letras e Licenciatura Plena pela UFRJ. Apaixonado pela Literatura, pela Música e pela culinária. Aquariano numa busca pela paz universal através da arte.



A saga do Mandacaru

Enquanto a anos o Mandacaru fulora na serra.
Aqui na minha terra, mandacaru fulora frente o mar.

Quando me sento para lembrar da areia fina branca
e quente
E ouço um repente que põe a lembrar.

A flor-amarela ou rosada, que simboliza o sol e a
pele queimada
Daquele poeta que um dia por lá passou.

Terra rachada, seca a vermelhada, tal qual fulô.
Poeta de alma rasgada, pela seca e pela dor.

Mesmo em meio tanta de vastidão e pé no chão
Ainda cantou.
Mandacaru quando fulora na serraaaa....



<https://www.artmajeur.com/pt/marianepires/artworks/1899641/mandacaru-em-flor>

Suor escorreu na testa e ele lembrou da linda
morena
Que um dia beijou!

O mandacaru a flor danada em meio espinho que
lhe inspirou
E a bela morena que ele um dia beijou.

Carrega no coração intê hoje esse amor.
Fez toda terra cantar
A menina que suspirou, sonhou e quase morre de
tanto amor.

Plantou rente a janela aquela linda fulô
Pensando em seu amado, que partiu di pé em solo
rachado.

Caboco sonhador!
Foi caminhar pelo mundo com sua viola, cantando
seu amor.

E ela menina com todo cuidado do Mandacaru
cuidou.

Segue sonhando com mente avuando feito passu
cantador.

Quando sol chega ou se vai lá tá ela na janela, do
lado da fulô.

Ao primeiro tilintar do triângulo, o ronco do fole da
sanfona e a batida da zabumba que bate tal quar
seu coração.

A menina volta no tempo bailando ao som do Baião
Dança o xote olhando na serra aquele que impera
lá impera.
Simbolo do sertão!



Mandacaru que sua flor dura apenas uma noite e eu brejeira rodopio dançando prá meu zamor.

Ainda carrego na lembrança, meu pueta cantador.

Que fez pai correr pa seu dotô, achando que euzinha tavu duente de amor
Tava não, ainda tô!

Pois, meu pueta partiu, deu vorta ao mundo e nunca mais vortou.

Hoje na minha casinha ainda guardo esse amor
Sigo intê hoje cuidando do símbolo sagrado.

Do meu sertão que dá fulô
Mandacaru que da serra desceu
E ao mar chegou
Assim como meu zamor .

Ele mandacaru corre mundo ainda dando fulô.
E eu mesmo com tempo girando.

Guardo no peito esse tamanho de amor.



Katia Teixeira

Poetisa





Resiliência e Perspectivas de Adaptação

“Vale a pena se arriscar e viver mais um dia” (CABRAL, 2015, p. 74), a frase que finaliza o artigo “Marcas de resiliência ou sobre como tirar leite de pedra”, inicia a presente reflexão acerca do texto e dessas marcas que se buscam adquirir após cada período sensível. Após uma rápida pesquisa nos dicionários, pode-se afirmar que a resiliência, em seu sentido figurado, está ligada a capacidade de adaptação ou recuperação rápidas, mas, de fato, apresenta-se como uma potência de mudança, como uma ressignificação do caminho percorrido, como uma não sujeição ao “determinismo da predisposição” (CABRAL, 2015, p. 60) presente nos conceitos da psicanálise.

Os estudos da resiliência afirmam o tempo presente e a abertura de horizontes nas perspectivas do ser ao buscar compreender os mecanismos de reinvenção e ressignificação de indivíduos ou comunidades que não ocuparam os territórios da predisposição de suas experiências, histórias e traumas, mas sim, o território das reconstruções não previstas.

O presente texto busca, dentro de suas limitações, explicitar a construção de novos sentidos para o trauma, a partir de novas pessoas, vivências e meios, refletindo sobre as marcas de resiliência e sua importância na composição e na recomposição das teias que se tecem nos planos do ser, do estar e do existir.

Dos sentidos primários

Como resposta aos antigos estudos relativos à resiliência, os novos panoramas de análise a colocam como processo de ressignificação a partir das construções dialógicas entre o sujeito e o mundo. Anteriormente era entendida como uma capacidade psicológica, uma característica do indivíduo ligada a invulnerabilidade ou adaptação a experiência

“Vale a pena se arriscar e viver mais um dia”
(Sandra Cabral)

[...] falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela [...]”
(Cecília Meireles)

traumática. Sendo, dessa forma, impossível considerar que haveria alguma capacidade de o indivíduo voltar ao seu estado anterior após um evento traumático, uma vez que a resiliência, a partir desse pressuposto, se apresenta como um processo relacional, de natureza múltipla, social, política, existencial e psicológica.

Ao pensar uma identidade resiliente, reduzindo a complexidade do processo a uma característica individual, o conceito de resiliência se perde de si mesmo, deixa de ser um processo caracterizado pela capacidade de tornar possível algum tipo de desenvolvimento com potência para a ocorrência de marcas. Aproxima-se, então, da ideia de sua definição como fenômeno físico, considerando real a capacidade irreal de, após um trauma, o indivíduo voltar ao seu estado anterior.

Dessa forma, a não redução do sujeito nesse processo encontra-se na produção de marcas de resiliência frente a ideia da projeção de sujeitos resilientes, marcas com potência de encontros, vivências, recursos e novas invenções do/no cotidiano.

Do traumatismo insidioso, perspectivas de resiliência e adaptação

Na realidade do cotidiano, cercados pelo contexto do capitalismo e de suas negações das vontades e anseios da subjetividade, surgem os



chamados traumatismos insidiosos: traumas ocasionados pelo cotidiano de precariedade e vulnerabilidade de determinadas comunidades e indivíduos, ao qual passa a estender-se como uma constante, uma continuação do ser traumatizado. Nesse contexto, em que a experiência é um “passado presente que não quer se tornar passado” (CABRAL, 2015, p. 63), a resiliência encontra-se não na superação individual do trauma sofrido, mas na transformação subjetiva da coletividade.

Ao experimentar a vivência traumática, o indivíduo estabelece novas relações com o ambiente: relações atrofiadas pela incapacidade de processar adequadamente o que fora vivido, estabelecendo mecanismos de defesas no corpo e na mente. A síndrome pós-traumática, responsável por estabelecer esses novos mecanismos e formas de encarar o mundo, expressa-se nos comportamentos repetitivos, nas reações ou padrões de comportamento ou na inatividade e traz o trauma para o tempo do agora, latente e vívido nas memórias e comportamentos do sujeito.

Dessa forma, no processo de superação do trauma, altera-se o território que comporta as características e sentimentos do indivíduo, movem-se mecanismos de adaptação a dor, e, por isso, não se volta a ser quem se era na vivência pré trauma, formulam-se novas perspectivas, novas respostas e, por fim, buscam-se novos territórios de invenção e reinvenção para que se possa ocupar uma outra realidade que não a do trauma.

No indivíduo, a presença do trauma latente e vívido, torna-se insustentável, não por si próprio como experiência, mas pelas relações que se estabelecem após seu acontecimento. Entretanto, paradoxalmente, são dessas relações aparentemente insuportáveis que nascem as oportunidades de resiliência ou inatividade. Essa adaptação às sequelas do trauma podem ser explicadas, como mostram os estudos de Cabral (2015), pela psicologia de D. Winnicott.

Durante a interação do indivíduo com sua cultura, estrutura-se o que Winnicott denomina “verdadeiro self”: a natureza psíquica responsável pela manutenção do ser e pela sua capacidade de afetar e ser afetado pelo mundo que o cerca; o contraponto do ambiente, que representa tudo aquilo que não faz parte da natureza do eu, responsável pela adaptação do indivíduo sem ferir seu núcleo de vitalidade.

Nas circunstâncias em que o trauma é muito intenso, sua vivência, alheia às experiências prévias, torna-se sempre presente, ultrapassando os limites da administração. Nessas passagens, a resposta do ambiente é determinante na construção da resiliência. Quando a perspectiva é de não acolhimento, ou seja, de um ambiente apático em relação ao indivíduo, constrói-se o “falso self”, uma adaptação baseada na passividade, protegendo o núcleo de atividade original do ser.

Dos territórios e suas marcas

Nos territórios da potência, espaços ou sistemas relativos à “apropriação e a subjetivação fechada sobre si” (CABRAL, 2015, p.67), a segurança e a afetividade são as janelas da mudança e, consequentemente, da resiliência. Elas são capazes de romper com as repetições da vivência pós-traumática e gerar novas marcas.

Nesse sentido, essas marcas são o que se busca nesse processo, pois representam as mudanças efetivas da subjetividade, os horizontes de fuga do trauma preparados para ressignificações e a produção de novos espaços potentes e vitais.

A cada trauma sofrido, a cada supressão do ser, é exigido, do próprio indivíduo, a criação de novos corpos e espaços de existência para que seja possível superar a violência sofrida pela



experiência traumática. Apesar de custosas, a criação de marcas e a transformação subjetiva se apresentam como caminhos possíveis no estabelecimento da sobrevivência criativa e da construção do eu.

Durante os períodos sensíveis, momentos de construção de recursos internos, aos quais definem as maneiras de agir, reagir e encontrar soluções, a vinculação segura que origina as bases de confiança é o diferencial das possibilidades das perspectivas de resiliência. Nesse sentido, a resiliência não está ligada a genética ou ao desenvolvimento, como sugerem os estudos primários desse tema, mas sim, a fatores endógenos e exógenos da construção do ser, a plasticidade na subjetividade para lidar com os efeitos do trauma, transformando o meio e a si.

Arte e acalento

Na busca pela janela que se abre ao horizonte da mudança, a arte ocupa o espaço do descanso, do acalento, do traçado de “linhas de fuga” (CABRAL, 2015, p. 72). Ela permite a criação de um novo caminho direcionado à saída do isolamento defensivo.

A imaginação, a arte e a criatividade interferem de forma direta e significativa na remodelação psíquica após o advento do trauma, em outras palavras: afetam a subjetividade na significação das feridas e nas possibilidades de traçado de novas histórias e de infinitas possibilidades de ser.

É do lidar, no cotidiano, com a possibilidade de futuras marcas, e de fato, se deixar marcar, produzindo e ensejando a não sujeição do eu e dos espaços potentes de movimento do corpo e da mente, é do lidar com o acalento, com a mudança, com os novos desejos, com o indesejável, com a dor e com o cotidiano traumático, que advém a resiliência. E ao sujeito resiliente será possível, sem voltar ao seu estado

inicial, mas afetando e sendo afetado, significar e ressignificar o seu sentir e o seu agir

Conclusão

Retomando o sentido do processo resiliente como a reconquista dos movimentos e como “possibilidade de retomada de algum tipo de desenvolvimento” (CABRAL, 205, p. 62), podemos pensar, ao final dessa análise, na importância dessa palavra no contexto delicado que nos encontramos vivendo em razão da COVID-19. Quem pensaria, um dia, viver momentos tão imersos no luto? Quem pensaria na perda de entes, amigos e histórias que ainda seriam contadas, para uma força invisível, que nos fez fechar as portas, as janelas, as conexões para além das telas dos computadores e celulares? Quem pensaria, mesmo em um momento de mais pura alucinação distópica, que hoje lidaríamos com um luto que parece incessante?

O traumatismo insidioso, os microtraumas do cotidiano, agora parecem ser traumas com proporções cada vez maiores, traumas que superam não só a capacidade de administração, mas a capacidade de seguir acreditando em dias de mudança, dias menos massacrantes e violentos, dias em que a empatia volte a ser vista e vivida, sem a degradação do coletivo sob a desculpa da saúde mental individual.

Nessas condições, a resiliência ocupa um território fundamental na sobrevivência do eu, não apenas nas mudanças e panoramas futuros, mas na não sujeição e naturalização do absurdo atual. Ocupa papel preponderante na sobrevivência e resistência das linhas empáticas e acolhedoras, do afeto que realmente afeta, dos ideais de coletividade e bem estar para além do individual. Defender a resiliência nesse cenário significa, sobretudo, defender a capacidade de ainda acreditar que existirá uma transformação relativa a si e ao meio, que após tanta dor, abriremos a janela



e encontraremos o jasmimeiro em flor, como vira
Cecília Meireles.

Se, ainda de acordo com Cecília, a felicidade está diante de cada janela, que encontremos na resiliência a força motriz para poder vê-la e experimentarmos a ressignificação dessa experiência tão dolorosa.

Referências

CABRAL, Sandra. *Marcas de resiliência ou sobre como tirar leite de pedra*. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda., 2015.

MEIRELES, Cecília. *Escolha seu sonho*. 4 ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2016

PANDEMIA y Resiliência. Produção de Boris Cyrulnik e Sandra Cabral, 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=fYtaIPgvuM&t=252s>>. Acesso em: 16 de mar. de 2021

Luiza Gravina

Estudante de Pedagogia - UFF





Por uma janela para o mar

De ladrilhos claros a parede do restaurante, alternando branco e azul. Sentaram-se lado a lado, de frente para a janela de vidro com vista para a rua – janela de dimensões largas, uma vitrine. E o garçom ali, sem arredar pé, o que vão pedir? Para comer? Para beber? Simpático, mas sem arredar pé. Para isso ela tinha a saída: pediam a bebida, dizia que iriam escolher com calma, que estavam escolhendo. O garçom anotou o pedido, foi-se. Ladrilhos, coisa antiga, sorriam.

Há tempos não iam àquele restaurante. Perto de casa. Passaram pela praça, lugar de ver céu, pouco céu se via do apartamento. Cidade grande. Pelo caminho, comentários, risos, compassos e descompassos. Distraídos. Sem sentir. Saíram para almoçar, variar o tempero. Dia comum de semana. Pedir o que para comer? Filé à Oswaldo Aranha, ele gosta. Ela só não quer gorduras, calorias em excesso, no mais fica feliz por fazer a vontade dele. Pede junto uma salada.

Sessão da tarde na TV?! Lembra quando os restaurantes não tinham televisão? Os bares? Ele lembrava. Ao menos podiam colocar um programa de música, tipo aquele concerto com o Duke Ellington que assistiram no dia anterior – nisso nem precisavam de palavras para concordar. Espelhos e TVs distraíam a atenção dela. Quando se conheceram, frequentavam um botequim repleto de espelhos e ele penava para se colocarem a salvo. Tarefa beirando o impossível, mas conseguia. Com o advento das TVs, tentavam dar as costas para os aparelhos. Ali, naquele lugar, tarefa impossível: ataque por frente, costas, todos os lados, LED, a tecnologia invadindo. O problema era ser dispersa, um tanto aluada. Qualquer

coisinha, um pio de passarinho, imagine esses ímãs, me sugam – ela se defendia.

Diz que odeia televisão. Que passaram anos vendendo essa história de telas, TV, computador, celular, tudo é tela, no consultório médico, nos relógios nas calçadas, dentro do metrô, nos ônibus. A sociedade de consumo a deixa louca. Ele morre de rir, foi você quem me pediu aquela espaçosa, LED, no meio da sala de casa, insistiu: LED. Pode escolher suas telas, as que quiser, ou ficar sem, não precisa obedecer as leis do senso comum. Por ela, a partir dali, morariam no mato, melhor: onde desse para ver o mar. Uma janela para o mar, debruçada sobre as ondas. Ele ri porque, como ela, prefere lugares sem TV, prefere TV em casa à hora que bem entender, e ela sabe disso.

Chega o filé. O garçom serve, ajeitam a travessa na mesa. Ele ainda não acabou o chope, ela pede outra limonada suíça. Esteve doente, não quer arriscar. Quando o garçom se afasta, pega o cardápio e coloca o dedo em cima: limonada suíssa, com dois esses. Ele diz que ela podia ter pedido um conhaque e, dessa vez, os dois morrem de rir. Juntos. Lembra? Bebi todo o conhaque do bar, nunca mais. Porque tinha estado doente e não queria beber gelado, que ideia. Largar a sexta-feira pós-trabalho, papo e amigos, nem pensar. Riem muito. Não existia celular naquela época, ou existia?

Entre uma garfada e outra, fazem contas. O primeiro foi quando mudaram para o bairro, para o apartamento sem vista para o céu, celular enorme, um tijolo, não tinha tela. Celular dele. Teclas apenas; isso de *touchscreen*, inimaginável...



Ou tinha sido antes, consideraram, um ano antes? 1994. Por aí. E os bares, já com TV? Copa do Mundo, provável que sim. Chamam o garçom e perguntam quando é que os bares e restaurantes passaram a ter TV. E o garçom confirma, foi por aí mesmo, pela Copa de 94, e os celulares, por essa época, eram enormes, poucos podiam ter, e tão pesados. O garçom é uma simpatia, conta a história de seu primeiro celular. Os dois contam as histórias deles.

O almoço segue, o garçom precisa atender outras mesas. Não são tantas, metade das mesas ocupadas, mas não há tempo e a conversa não pode continuar até o wi-fi e outros progressos. Lá fora começa uma chuva fina, as gotas através da janela-vitrine caem lentas. Pessoas passam, carros. A chuva traga o olhar dela. Ele se dedica ao filé. Pede outro chope. Voltaria andando, tinham trazido guarda-chuva. A vida inabalável. Pelo mesmo caminho, pela praça.

Chuva fininha, dia cinzento, preguiça, ela hipnotizada. Gostou do filé? Ele tem algumas reclamações, tem razão, nada é perfeito. Bom o chope? Ótimo. As gotas, a chuva, e eis que a luz se apaga. Cai a luz, algum problema nas redondezas.

O restaurante escurece, não totalmente, as pessoas baixam a voz. Uma nova ordem se instala, silenciosa, não há perigo de trevas nessa hora do dia. E ela aponta para a tela em frente, no alto, inanimada, o dedo encostado na borda da mesa, meio escondido, um sorriso travesso. Pensa em uma janela para o mar, grande, bem grande. Imensidão. Chama o garçom, pede um conhaque – dose tímida, olha lá, por favor. E sente a mão dele na perna, o olhar fundo dele, aquele olhar. O ar quase não é suficiente. São olho no olho e um sem fim de histórias. São, naquele momento, todo o assombro da vida.

Edna Bueno
Escritora





Inumeráveis privilégios

Fui provocada a escrever um texto. Imediatamente, pensei... Como?

Sem tempo de respirar, me inspirei e... nas idas ao trabalho, num busão sempre lotado, mas cuja graça alcançou todos os dias de poder ir sentada (e melhor, na cadeira egoísta) — o pego antes que os corpos esqueçam a lei da física e se espremam igualzinho sardinhas em lata — fui escrevendo. Um tantinho de cada vez.

Resolvi escrever exatamente sobre "privilégios"... sabe, aqueles que temos todos os dias e que, por serem muitas vezes simples, até simplórios, não nos damos conta e só os valorizamos, tantas vezes, quando deixamos de ter? Esse aí, descrito acima é apenas um em meio a tantos!!!

O privilégio de respirar... ah, se nos falta o ar por qualquer motivo, seja de emoção, seja porque o pulmão não ajudou, nos vemos em desespero e pensamos... meu Pai, cadê meu ar? Perde ele pra ver e vai até rezar, se for ateu, pra tê-lo de volta. Depois dele, o privilégio de estar vivo. Sem ar, isso seria impossível, por isso o classifiquei em primeiro.

Vivo sim, do jeito que for, com dor ou sem, com problemas graves, outros nem tanto, com juventude ou velhice, com perdas e chegadas, a simples e perfeita mágica de estar vivo e poder desfrutar das pequeninas vitórias (se vierem as grandes, aleluia!!! Mais gratidão ainda). Mas estou falando aqui dos pequenos "privilégios", esses que por serem mínimos, tantas vezes deixamos passar. Até porque os grandes, não dá pra esconder...

O benefício privilegiado da saúde. As vezes pouca, outras muita. Poder estar com saúde... pura benção!!!

Em meio a uma pandemia, aliada a loucura desse mundo tão desigual, que não dá ou retira esse privilégio das pessoas, só gratidão pela saúde. Meu desejo de todo dia, para mim, para os meus, para todos.

Devo falar também do privilégio do corpo perfeito (a mente nem tanto... mas tudo bem, os amigos entendem e não desistem de nós, então beleza... kkk). A visão, minha no caso, nada perfeita também, mas nada que lentes de contato e óculos não resolvam, então... mais gratidão, porque tenho o privilégio de poder comprá-los.

Outros tantos privilégios quando vejo flores ou sinto seu perfume, os pássaros e seus muitos sons, um cão, um gato... tantos animais incríveis (amooo Panda... fofo demais), quando vejo o sol, a lua, as montanhas, os mares, a areia, as árvores, as hortas, as nuvens, a chuva, os trovões e raios, o arco íris, exuberância de uma natureza que se debruça em nós, nos acalenta a alma, nos permite, por meio da admiração, encher nossa vida de esperança. Tudo de graça, ao nosso alcance, tão perfeito!!!

Claro, nem tudo é um mar de rosas... Não mesmo. Mas se paramos para tentar perceber tantos "privilégios" que vamos tendo pelo caminho, com certeza poderemos dizer: a felicidade existe e como meu marido dizia, é como estalactites de gelo, que podem derreter por completo, mas que devemos aproveitar enquanto pingam em nós!!!



Cássia Pinheiro
Amante das artes





Bom seria

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Ter esperança fresquinha

Todo bendito dia

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Acolher o medo

E a verdade que vai passar

Embora nunca acabe

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Saber que o momento é fugaz

E nem por isso desimportante

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Esperar pacientemente as horas

Que não chegam

Ou não se demoram

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Oferecer mais risos

Que indiferença

A olhar por dentro e com culpa

Os invisíveis

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Cuidar da natureza íntima

Afrouxando os nós

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Perdoar nossos pais

Pelas faltas e excessos

Que cometaram

E que inevitavelmente

Repetiremos com nossos filhos

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Proteger a Terra

Estancar a dor

Suavizar o grito

Ainda antes que se agigante

A gente não se habitua

Mas como bom seria

Acalmar o desespero

Brindar a morte

E seus finitos recomeços



<https://www.artmajeur.com/pt/silvanaoliveira/artworks/12368624>

/o-milagre-da-metamorfose

Carla de Almeida

Psicóloga e curiosa do cuidado através da literatura

